

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

MARIA CRISTINA BAGGIO DA SILVA

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA
CAPITALISTA A PARTIR DA TEORIA DA ANÁLISE DO
CARÁTER REICHIANA

CURITIBA, 2009

MARIA CRISTINA BAGGIO DA SILVA

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA
CAPITALISTA A PARTIR DA TEORIA DA ANÁLISE DO
CARÁTER REICHIANA

Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado pelo Centro
Reichiano.

Orientador: Prof. Dr. José
Henrique Volpi

CURITIBA

2009

Baggio da Silva, Maria Cristina

Análise do Desenvolvimento do Sistema
Capitalista à partir da Teoria da Análise do
Caráter Reichiana - Curitiba, 2009

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia de Curso de Especialização em
Psicologia Corporal, Centro Reichiano de
Psicoterapia Corporal.

1. Capitalismo. 2. Desenvolvimento Emocional.
3. Desenvolvimento Sócio-Econômico.
4. Psicologia Corporal.



ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL

TERMO DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, Prof. Dr. **JOSÉ HENRIQUE VOLPI**,
no uso de minhas atribuições legais no Curso de Especialização
em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano, na
cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO** o trabalho
monográfico de conclusão de curso do aluna **Maria
Cristina Baggio da Silva**.

Curitiba, 28 de Abril de 2009





Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus professores do Centro Reichiano em Curitiba que tem sido um exemplo de profissionalismo e de seriedade para com o desenvolvimento da continuidade dos estudos de Wilhelm Reich nas mais diferentes áreas do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe que me apresentou desde cedo os conflitos emocionais do ser humano me fazendo sua amiga e me apresentando as obras de Wilhelm Reich para que eu pudesse encarar o mundo de forma mais preparada e usufruir o melhor da vida.

Agradeço à possibilidade que tive com meu professor doutor Alexandro Andrade no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Catarina começar a desenvolver meus estudos na área de neurociência estabelecendo um paralelo com a teoria reichiana.

Agradeço ao meu professor doutor Idaleto Malvezzi Aued de Ciências Economicas da Universidade Federal de Santa Catarina que possibilitou a experiência de refletir sobre a interdisciplinabilidade entre as contradições sócio-econômicas e os conflitos dos indivíduos.

Agradeço à minha terapeuta que está me auxiliando no meu processo de amadurecimento tão necessário para realização de trabalhos desta natureza que exigem reflexão e uma unidade criadora.

Agradeço especialmente aos meus professores do Centro Reichiano de Estudos em Psicologia Corporal, mestrandia Sandra Mara Volpi e meu orientador professor doutor José Henrique Volpi que estão me auxiliando e incentivando com sua seriedade e grandiosidade de espírito nesta minha trajetória de especialização profissional. Um sincero obrigada meus queridos professores.

“E hoje, ao invés de viver, o homem ainda procura sobreviver, mas, infelizmente, não pela potência, que é baseada em “humanidade”, “humildade” e “humor”, mas pelo poder”.

Frederico Navarro, 1995.

RESUMO

Neste trabalho será feito uma análise interdisciplinar entre a psicologia corporal, principalmente no que diz respeito às fases de desenvolvimento emocional e o desenvolvimento sócio-econômico no sistema capitalista. O comportamento dos seres humanos, chamado de caráter, pode ser explicado pela fixação nas fases que não foram plenamente vividas. Assim como os indivíduos possuem um padrão de comportamento, os países também possuem padrões próprios de comportamento identificados na cultura e na organização socio-econômica. Esta monografia propõe-se a buscar evidências sobre a possibilidade de utilizar-se dos conhecimentos da psicologia corporal para fundamentar uma análise do estágio de desenvolvimento social e econômico dos países no processo de desenvolvimento do sistema capitalista de produção de acordo com os conhecimentos do desenvolvimento emocional utilizado pela psicologia corporal. Como resultado da pesquisa bibliográfica conclui-se que é possível estabelecer um paralelo entre o desenvolvimento do organismo humano e do desenvolvimento sócio-econômico.

Palavras-chave: Capitalismo. Desenvolvimento Emocional. Desenvolvimento Sócio-Econômico. Psicologia Corporal.

Sumário

1- INTRODUÇÃO.....	8
2- CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL.....	15
2.1- A Cisão Neurótica no Indivíduo e no Sistema Produtivo.....	15
2.2- A Dinâmica entre a estrutura psíquica e sócio-econômica.....	17
3- O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.....	21
3.1- Fundamentos da formação do Caráter.....	21
3.2 – A energia da libido.....	25
3.2- Fases do Desenvolvimento Emocional.....	28
4- O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA.....	33
4.1- A Economia Global Capitalista.....	34
4.2 – As Hegêmonias no Desenvolvimento Capitalista.....	37
4.2.1- A Origem do Moderno Sistema Inter-Estatal.....	37
4.2.2- A Hegemonia Britânica e o Imperialismo de Livre Comércio....	41
4.2.3- A Hegemonia Norte-Americana e a Ascensão do Sistema da Livre Iniciativa.....	42
4.3-O SISTEMA PRODUTIVO CAPITALISTA.....	43
4.3.1- O Modo de Produção Centrado na Grande Indústria Moderna .	43
4.3.2-Contradições e a Crise da Economia Capitalista.....	45
4.3.3 - O Comportamento Social Destrutivo.....	48
5-METODOLOGIA.....	52
5.1-Tipo de Pesquisa.....	52
5.2-Fontes de Informação Bibliográfica.....	52
5.3-Coleta de Dados.....	53
5.4-Análise da Literatura Revisada, Interpretações e Aplicação.....	53
6-ANÁLISE DO CONTEÚDO APRESENTADO	54
6.1–Análise do Caráter do Processo de Desenvolvimento do Sistema Capitalista.....	54
6.2- Análise do desenvolvimento do sócio-econômico.....	59
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	63

1- INTRODUÇÃO

1.1-TEMA

Neste trabalho será desenvolvida uma análise interdisciplinar entre a psicologia corporal, a partir da Teoria da Libido de Freud, sobre as fases do desenvolvimento emocional e o desenvolvimento sócio-econômico no sistema capitalista. A proposta é olhar a estrutura sócio-econômica como um “organismo social”. Como referencial teórico sobre o desenvolvimento capitalista será utilizada a obra de Giovanni Arrighi “O Longo Século XX” e sobre as fases de desenvolvimento emocional, prioritariamente, as obras de Wilhelm Reich, Frederico Navarro, Sandra Volpi e José Henrique Volpi.

Assim como o ser humano para chegar a maturidade sexual, ou seja, à fase adulta e produtiva, passa por um processo de desenvolvimento emocional, as nações também necessitam deste processo de desenvolvimento para que atinjam sua maturidade como nação e alcancem seu potencial de intercâmbio cultural e relação comercial com outras nações. O desenvolvimento de um parâmetro baseado nos conhecimentos da psicologia corporal pode auxiliar em uma melhor compreensão sobre a fase de desenvolvimento das nações e do sistema sócio-econômico, fornecendo subsídio para elaboração de melhores gestões, além de aumentar o potencial dos indivíduos e do organismo social como um todo. No decorrer do trabalho tentar-se-á levantar informações que possibilitem esta analogia, caso não seja possível será apontado até onde foi possível esta interdisciplinariedade.

A teoria freudiana da libido explica que o desenvolvimento sexual até que atinja a sua maturidade passa por fases de transição da energia da libido: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Reich desenvolveu sua teoria a partir do referencial teórico freudiano e incluiu uma fase anterior a oral, que é a fase ocular, além de não aceitar a fase de latência como uma fase biológica conforme proposta por Freud. A fixação em cada uma dessas fases, de acordo com Reich (1989), estabelece padrões próprios de comportamento, chamado de caráter.

Neste trabalho será analisada a possibilidade de, a partir do comportamento desencadeado pela fixação em cada uma dessas fases, compreender uma base teórica para analisar em que fase de desenvolvimento econômico-social estão os países no sistema capitalista e o sistema econômico produtivo. O mesmo referencial teórico que pode ser utilizado para se analisar o caráter dos indivíduos, pode também auxiliar na análise do comportamento das nações e do sistema econômico global. O objetivo da análise do caráter é possibilitar uma intervenção terapêutica sobre as fixações ocorridas nas fases de desenvolvimento emocional com objetivo de potencializar a ação das pessoas em direção à satisfação das suas necessidades. No caso de países, corporações, ou do sistema social, o diagnóstico de fase de desenvolvimento e de caráter das nações e do sistema social podem auxiliar na elaboração de medidas que visem potencializar a ação e eficácia de suas políticas para a satisfação das necessidades sociais.

1.2-PROBLEMA

O desenvolvimento sócio-econômico, ou seja, o comportamento produtivo, financeiro e cultural de uma nação, assim como o caráter dos indivíduos e dos agentes econômicos não são puramente racionais. O desenvolvimento emocional é fundamental na potencialização da capacidade racional e da ação dos indivíduos em direção a satisfação de suas necessidades. A fixação em fases do desenvolvimento se traduzem em um padrão rígido de comportamento que são expressos em comportamentos em direção oposta à resolução dos problemas seja no contexto individual, seja no contexto da dinâmica social.

O caráter dos indivíduos, por meio dos mecanismos de defesa, impedem que o indivíduo potencialize suas capacidades e resolva seus problemas de forma eficiente. De acordo com Reich (1989) o único impulso para ação humana é o prazer, quando bloqueado este impulso pode se expressar de forma extrema com atitudes masoquistas ou sadomasoquista.

Situações de conflito na política econômica também podem incorrer no mesmo mecanismo. Ao invés de políticas econômicas bem estruturadas para se resolver problemas materiais de interesse dos países e da humanidade como um

todo, essas decisões acabam por incorrer em mecanismos e armadilhas psicológicas, como no caso do fascismo e do nazismo citado por Reich (2001), em a Psicologia de Massas do Fascismo, que acabam por impedir a ação para a real solução dos problemas.

Assim como na vida dos indivíduos, em termos econômicos, também é necessário equalizar as necessidades materiais da aldeia global em que vivemos para que se obtenha a otimização da utilização dos recursos naturais e energéticos de maneira sustentável e maior intercâmbio econômico e cultural quanto possível. Para se conquistar a saúde psíquica e física, de acordo com a teoria da psicologia corporal, é necessário que se conquiste um equilíbrio energético, conquistado com uma vida sexual saudável (REICH, 1927). Na economia, da mesma forma, o desenvolvimento sócio-econômico e tecnológico depende do equilíbrio energético, por meio da manipulação e utilização responsável e eficiente das fontes energéticas como, por exemplo, petróleo, energia nuclear, hidrogênio e biomassa.

A falta de controle sobre as fontes de energia é motivo de guerras, pois o desenvolvimento econômico de uma nação depende diretamente desta riqueza. No entanto, o aprimoramento da utilização da energia proveniente de recursos naturais são fundamentais para a saúde do planeta terra e desenvolvimento da economia como um todo.

Neste trabalho proponho uma análise interdisciplinar entre os processos históricos-econômicos de formação do “organismo social” com os conhecimentos da psicologia corporal em relação à formação do caráter. Tanto por Sigmund Freud, quanto por meio dos conhecimentos da economia, sabe-se que as atitudes humanas e os agentes econômicos não são puramente racionais. Muitos aspectos emocionais e culturais interferem tanto na ação de agentes econômicos, como na elaboração de políticas econômicas e no comportamento dos indivíduos no seu dia-a-dia.

O vasto campo de atuação da psicanálise propõe uma compreensão sobre este oceano obscuro que impulsiona as atitudes humanas para além da racionalidade (REICH, 1990). A interdisciplinariedade entre duas áreas aparentemente distantes, pode nos apresentar elementos importantes na dinâmica

do desenvolvimento da emancipação humana e sócio-econômica. Assim como a microeconomia se utiliza da psicologia behaviorista, proponho uma aproximação entre o conhecimento da psicologia corporal, para um olhar humano sobre a estrutura sócio-econômica e cultural.

A vida dos seres humanos é indissociável de sua condição econômica e social, por isso em uma proposta de continuidade à preocupação apresentada por Wilhelm Reich em grande parte de sua literatura de como transformar a psicanálise em um conhecimento que possa levar a uma transformação social. Essa monografia não se propõe a investigar se é possível utilizar-se dos conhecimentos da formação do caráter para uma compreensão não apenas histórica e econômica do organismo social, mas sim de maturidade funcional deste organismo.

Sabe-se tanto na economia, quanto na psicologia, que nem os agentes econômicos e nem os indivíduos no seu dia-a-dia agem de maneira puramente racional. A psicologia corporal explica que as fixações que ocorrem nas fases de desenvolvimento emocional fazem com que características próprias das fases anteriores permaneçam presentes, utilizando energia das fases precedentes impedindo o desenvolvimento dos indivíduos. Supõe-se, nesta monografia, que as nações em seu desenvolvimento também passam por este processo. É necessário que passem pelos estágios de desenvolvimento para atingirem sua maturidade como nação.

Justificativas racionais são utilizadas para explicar atitudes impulsionadas por fatores inconscientes, tanto na vida dos privados dos indivíduos, quanto em grandes corporações e em políticas governamentais. Quando um ser humano não age de acordo com seu próprio interesse é algo problemático, mas o que se levanta no tema desta monografia é que quando o problema é relacionado a decisões de políticas econômicas, como a guerra, por exemplo, atinge um número muito maior de pessoas, conseqüente de uma única decisão que nem sempre é tão racional quanto pretende.

Nem sempre as ciências ocupadas com questões do desenvolvimento sócio-econômico conseguem aplicar seu conhecimento em função de interesses políticos e econômicos vigentes. Nem sempre políticas macroeconômicas são

pautadas na racionalidade e resolução das grandes questões econômicas. Propõe-se, portanto, uma contribuição da ciência preocupada com as questões inconscientes, que afligem a vida cotidiana, para questões que acabam por determinar a vida da humanidade.

Se pudéssemos deitar o mundo no divã, seus choros, seus anseios desabafos e analisar seu comportamento, poderíamos concluir o quê? Qual a validade de um exercício intelectual desta natureza? Minha hipótese é que a visível distinção de caráter entre as nações é confirmador da validade desta nova abordagem para indicadores de saúde e unidade funcional de uma sociedade ou civilização.

Fundamentalmente pergunta-se: Será possível fazer uma analogia entre o desenvolvimento psicossomático, ou seja, das fases do desenvolvimento emocional dos indivíduos com o desenvolvimento do sistema capitalista e das nações, tal como um organismo social? Em que estágio de desenvolvimento do caráter social nos encontramos?

1.3-HIPÓTESE

Conforme a teoria reichiana explica, o ser humano passa por fases de desenvolvimento responsáveis por fixação de padrões de comportamento, chamado caráter. Assim como os indivíduos possuem um padrão de comportamento, os países também tem padrões próprios de comportamento identificados na cultura e organização socio-econômica.

Esta monografia propõe-se a buscar evidências sobre a possibilidade de utilizar-se dos conhecimentos da psicologia corporal para analisar o estágio de desenvolvimento socio-econômico dos países no processo de desenvolvimento do sistema capitalista.

1.4-OBJETIVOS

1.4.1-Objetivo Geral

Verificar se é possível aplicar os conhecimentos de análise do caráter para analisar o desenvolvimento do organismo social a partir do desenvolvimento histórico do sistema capitalista.

1.4.2-Objetivos Específicos

- Apresentar o arcabouço teórico sobre a análise do caráter e as fases do desenvolvimento emocional
- Evidenciar as contradições existentes no sistema capitalista
- Analisar historicamente o desenvolvimento econômico-social do sistema capitalista
- Relacionar os conhecimentos sobre análise do caráter nos indivíduos para o organismo social
- Apresentar uma contribuição dos conhecimentos da psicologia corporal ao processo de gestão econômico e social

1.5-JUSTIFICATIVA

Nas diferentes situações relacionadas à economia, como: o sistema financeiro, produção e distribuição, política energética, comércio exterior, geração de emprego e distribuição de renda acabam não sendo tratadas pela raiz do problema. Atitudes destrutivas são mantidas, numa disputa entre países e de concentração de renda e poder. Entretanto estudos demonstram a insustentabilidade do planeta terra manter esta situação. Alguns fatores culturais que fazem parte do nosso inconsciente coletivo nos mantem em uma inércia que impede a reflexão para a solução dos problemas para a manutenção da vida no planeta Terra.

De acordo com Reich (1989) a pulsão primária nos seres vivos é sempre para o prazer mas, quando ocorre bloqueio desta pulsão natural primária, ocorre a

formação de um impulso secundário, que embora busque a satisfação, é, de alguma forma, destrutivo. É necessário equalizar as necessidades da aldeia global em que vivemos, porque assim como é necessário o equilíbrio energético do corpo para uma saúde física e mental, da mesma forma é necessário um equilíbrio sobre o potencial energético do planeta para a consolidação de uma sociedade saudável.

Os países vivem em permanente guerra pela conquista de novos mercados e poder sobre fontes energéticas, como em Israel, Afeganistão ou Iraque. Uma Guerra Mundial está deflagrada nas periferias de todos os países e em mais de 80 guerras envolvendo nações, segundo a ONU. O tráfico de armas e de drogas, dois dos mais lucrativos negócios de nosso tempo, se combina a estrutura saturada de superprodução indicando a possibilidade de catástrofes nunca antes imaginadas, seja na manipulação equivocada da natureza, na proliferação de armas nucleares e de destruição em massa. A escassez do petróleo, os altos níveis de consumo e sua manutenção questionam os limites da sustentabilidade; as crises econômicas e as bolhas especulativas impõe a necessidade da reflexão sobre a evolução do processo produtivo, financeiro e de reprodução da vida social.

A questão central deste artigo é a identificação do psíquico na construção e manutenção do mecanismo econômico-social, na consolidação da construção do indivíduo social, em suas contradições pessoais, políticas e econômicas. A partir desta inter-relação procurar-se-á evidenciar elementos da essência humana, na sua vida privada como no modo de produção, vistas como esferas indissolúveis, inseparáveis e construir um referencial teórico para uma análise a partir de um espectro humano sobre a fase de desenvolvimento “emocional” do sistema capitalista, compreendido com um “organismo social”.

2-CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

2.1- A CISÃO NEURÓTICA NO INDIVÍDUO E NO SISTEMA PRODUTIVO

É possível perceber na economia e no processo produtivo, assim como nos indivíduos, uma estrutura de cisão neurótica onde os interesses do capital não atendem aos interesses dos cidadãos, dos trabalhadores e nem a própria sustentabilidade e reprodução do capital. Este processo desencadeia guerras pela conquista de novos mercados, recursos naturais e energéticos, desencadeia crises econômicas e demonstra uma cisão em relação à necessidade de desenvolvimento econômico e às políticas desenvolvidas.

O sistema capitalista, no que diz respeito ao processo produtivo, com a introdução da maquinaria e da divisão do trabalho no processo produtivo resultou nas três dimensões da alienação apresentada por Marx (1982): no processo produtivo industrial o trabalhador é alienado, pois é apenas uma extensão da máquina e executa determinada tarefa; no processo produtivo distancia-se de sua característica humana criativa, e para completar o ciclo de alienação, o produto final do trabalho não lhe pertence. Isso gera uma cisão do indivíduo em sua essência humana. Da mesma forma, a cisão da psique humana é a representação da dissociação entre a necessidade de satisfação e seu fetiche, ou seja, o indivíduo torna-se alheio (alienado) das suas próprias necessidades.

O funcionamento mental, que na maior parte é puramente racional, explica-se pela própria estrutura psíquica, o id (impulso primitivo), superego (estrutura moral e social) e pelo ego que é a identidade pessoal na busca de um equilíbrio entre essas duas forças (FREUD, 1978). Muitas de nossas atitudes, decisões, e ampliando, não só em nível pessoal, como também governamental, político e ideológico são resultado desta estrutura da psique e de formação do caráter, que caracteriza o comportamento.

Democracias, como a dos EUA, legitimam ditaduras, como a que ocorreu no Brasil em 1964 e foi financiada por grandes empresas norte-americanas. Assim como o país do livre mercado, representado pelo Consenso de Washington, desenvolve contraditoriamente uma política de estado protecionista. O processo

de dominação está explícito e o resultado para um mundo sem fronteiras é contraditório e complexo. Quem diria que os grandes bancos de Wall Street seriam estatizados pelo governo Bush? Nem Hugo Chaves teve coragem de fazer isso em seu país. A cartilha do FMI, superávit primário, privatizações, etc, tudo rui e as ações vão em exato sentido contrário, como se tudo tivesse sido feito errado até então.

O consciente coletivo que se forma atrás das grades das cadeias, ao contrário do que parece, não mantém apenas àqueles homens enjaulados, nos mantém presos também a um mundo medieval, tão fatal quanto o dado de 1/3 da população negra norte-americana estar detida nestas cadeias.

A tese de Freud é que o ser humano age de maneira dissociada, neurótica e destrutiva em função do que ele chamou de *Instinto de Morte* (ALBERTINI, 2003). A partir de uma análise histórica pode-se compreender Freud como um pensador que traduziu a estrutura mental dos homens do seu tempo. Entretanto, Reich (1990, 2001) propõe uma continuidade dos estudos de Freud e analisa que o comportamento humano destrutivo é um impulso secundário, gerado da impossibilidade de satisfação das necessidades primárias frente às exigências morais.

De acordo com Reich (1990), a psicanálise teve forte impacto sobre o pensamento convencional com a idéia de que os homens não determinam livremente suas próprias ações. A teoria psicanalítica explica que a ação consciente é apenas uma gota na superfície de um mar de processos inconscientes. Somos quase uma conseqüência de nossos instintos, regulados por processos que não podemos controlar.

Freud descreveu três grandes desilusões da humanidade, que chamou de feridas narcísicas. A primeira ocorreu quando Copérnico provou que a Terra não era o centro do Universo, mas, unicamente, um dos muitos corpos celestes que se movem no espaço cósmico. Depois, Darwin afirmou que o homem não foi criado à semelhança de Deus e era, simplesmente, uma das conseqüências do processo evolutivo das espécies. Por fim, o próprio Freud descobriu que nem somos senhores de nós mesmos, pois toda nossa racionalidade é identificada com o consciente, mas existe também o inconsciente, que não controlamos.

De acordo com Marx e Engels (2008) em a *Ideologia Alemã*, é fundamental compreender que a visão idealista é pueril e ingênua, portanto a busca pela satisfação das necessidades não poderia ser atingida por meio de uma ação dos indivíduos com seus próprios pensamentos, mas sim da dinâmica econômico social, da qual o homem é agente.

Há uma reflexão a ser feita, um paralelo a ser traçado entre a dinâmica formadora dos indivíduos e a sociedade que engloba tanto o modo de produção quanto a vida social, de onde emerge os elementos essenciais de sua permanente superação, sendo o indivíduo o propulsor e reproduzidor deste processo.

O diálogo entre a ciência que estuda o ser humano, que teve início em Freud e a economia, ciência organizadora da exploração de forma eficiente dos recursos escassos e satisfação das necessidades pode auxiliar na fundamentação de uma visão mais humanizada dos processos políticos-econômicos e sociais e a elaboração de terapia que possibilite recuperar o corpo psico-físico e social da cisão neurótica.

2.2- A DINÂMICA ENTRE A ESTRUTURA PSÍQUICA E SÓCIO-ECONÔMICA

A Economia é a ciência social que estuda a produção, distribuição e consumo de bens e serviços. O termo *economia* vem da união entre o termos gregos “oikos” – casa - e “nomos” – costume ou lei - daí "regras da casa (lar). Compreendido o termo “economia” não é mais preciso fazer analogias. A questão central da pesquisa psicanalítica é justamente a formação da psique humana no ambiente familiar e sua reprodução social. A compreensão do termo economia trás em si mesma a proposta desta monografia e explicita o processo de cisão esquizofrênia que abate nossa sociedade. Pode parecer exageiro, mas imagine o economista médio em nossa sociedade, a voz da racionalidade analisando como melhor alocar os recursos escassos, como melhor investir seu dinheiro, sem misturar questões emocionais e pessoais. Não compreendem esses indivíduos que o conteúdo inconsciente invade permanentemente nossas decisões racionais

sem que possamos perceber. Prolongando um pouco esta reflexão, imagine o estadista elaborando táticas de conquista de mercado que levam à guerras e ao terror, buscando ser apenas pragmático.

Uma definição amplamente utilizada que foi elaborada por Robbins (1932) é a de que a economia é "a ciência que estuda as formas de comportamento humano resultantes da relação existente entre as ilimitadas necessidades a satisfazer e os recursos que, embora escassos, se prestam a usos alternativos. Envolve portanto o estudo das escolhas uma vez que são afetadas por incentivos e recursos.

Os agentes econômicos não são puramente racionais, os indivíduos não agem em nenhuma instância da vida de maneira puramente racional. Nem na elaboração de projetos políticos, planejamentos econômicos, nem na continuidade de políticas de guerra. Entende-se por racionalidade a capacidade de pré-ideação de ações que com o menor gasto de energia possível, possibilite o movimento na direção de seu legítimo interesse. Entretanto, a racionalidade econômica ainda compreende o sistema capitalista como o mais eficiente, pois produzem produtos com valor de produção abaixo do seu valor de uso, ou seja, produtivamente é a alternativa mais eficiente (MARX, 2004).

Da mesma forma que a economia busca estudar a satisfação das necessidades frente aos recursos escassos, a psicologia de Reich, numa proposta de continuidade ao desenvolvimento da psicanálise propõe a compreensão da psique humana diante à busca da satisfação de suas necessidades e o bloqueio dessas necessidades por situações escassas desta possibilidade, seja por impedimento econômico, moral ou cultural. A área de estudo desenvolvida por Reich recebeu o nome de economia sexual em um determinado momento, ou seja, o estudo de como os indivíduos lidam com as escolhas diante dos desejos e necessidades (REICH, 1927). Desde a Psicanálise, compreende-se, desejos e necessidades, como impulsos libidinais. Estes impulsos podem ser transmutados para o coletivo, o social, evidenciando a proximidade esquecida entre estas duas áreas do conhecimento.

O indivíduo no seu desenvolvimento emocional passa pela fase ocular, oral, anal, fálica e genital, chegando a maturidade sexual por meio do desenvolvimento

de todas as fases (REICH,1989 ; VOLPI & VOLPI, 2006 ; NAVARRO, 1995). O capitalismo pela primeira vez proporcionou o máximo desenvolvimento produtivo do sistema econômico com um todo, por meio da divisão de tarefas na produção, do comércio internacional e globalização econômica e cultural. Entretanto as partes deste organismo, os países, não atingiram sua maturidade econômica. Para uma otimização do intercâmbio econômico e cultural é necessário que as nações desenvolvam-se nacionalmente. Fazendo-se uma analogia entre o desenvolvimento das nações com as fases de desenvolvimento emocional nos indivíduos, pode-se analisar o desenvolvimento referentes ao foco e planejamento que a nação possui, a comunicação e ao prazer associados à alimentação, à produção propriamente dita e ao intercâmbio produtivo e cultural com outros países.

Arrighi (2008) apresenta a idéia de desenvolvimento natural e anti-natural. Como exemplo de desenvolvimento natural ele cita a China que voltou-se para o desenvolvimento interno, diferente do desenvolvimento ocorrido na Europa, que voltou-se ao comércio exterior sem antes ter sua economia nacional fortificada pela agricultura e pela indústria nacional.

É possível se pensar no funcionamento do sistema econômico, da produção e da distribuição das mercadorias de maneira adequada com objetivo de satisfação de suas necessidades e para isso, a correspondência de pulgência de uma nação pode estar correlacionada com a potencialização produtiva dos indivíduos. De acordo com Reich (1989), o homem é, ao mesmo tempo, sujeito da história e do processo social, do qual ele próprio é autor, não certamente como gostaria, mas por pressupostos econômicos e culturais definidos.

A correlação de como o indivíduo reproduz em si a estrutura social e econômica vigente pode ser entendida por meio do que acontece no processo produtivo. É no fetiche do modo de produção que a mercadoria, afasta-se de sua natureza que é satisfazer o ser humano a partir de seu valor de uso, alienado em detrimento do seu valor de troca. Da mesma forma o homem tende a se afastar de sua essência tornando-se uma mercadoria no processo produtivo. A normalidade do nosso sistema é viver uma realidade alheia aos nossos interesses, sentimentos e razão. O fetiche do modo de produção capitalista representado pela produção e

distribuição, é explicitado no processo de acumulação de capital. A produção e distribuição de mercadorias é apenas um meio para acumulação que é demonstrada na fórmula D-M-D - dinheiro-mercadoria-mais dinheiro - (MARX, 2004).

Assim como o sistema econômico e produtivo e a cultura influenciam de forma dinâmica os indivíduos, propõe-se que o conhecimento do funcionamento psico-somático dos indivíduos possibilitem uma intervenção também na dinâmica sócio-econômica.

3. O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

3.1-FUNDAMENTOS DA FORMAÇÃO DO CARÁTER

O conceito da psicanálise de que os problemas psíquicos ocorrem em detrimento do impulso libidinal possibilitou Reich aprofundar-se nas questões fisiológicas da sexualidade. A formação do caráter é preponderante na determinação do comportamento dos indivíduos. Este padrão de comportamento pode estar mais comprometido ou menos em relação às situações vivenciadas nas fases de desenvolvimento emocional. Freud contribuiu com esta compreensão através do estudo do processo de formação do caráter, explicando a formação do aparelho psíquico.

De acordo com Freud (1978), o aparelho psíquico é formado na sua mais primitiva área pelo id, que representa o instinto. Da camada cortical, surge uma organização que atua como intermediária entre o id e o mundo externo, o ego. É dirigido pela consideração das tensões produzidas por estímulos. O ego se esforça pelo prazer. Um aumento de desprazer é acompanhado por ansiedade, reconhecida como um perigo. O superego surge da influência parental e social. O ego, determinado pela própria experiência do indivíduo, possui o papel de conciliar as exigências.

O caráter é um integrante da personalidade que determina a conduta. Ele é adquirido e só se estrutura na medida em que a criança inicia seu contato com o ambiente de maneira direta e ativa (BENTON, 1975). O caráter é a somatória das defesas, está expressa na atitude. Certos traços de caráter, de acordo com Reich (1989), podem ser explicados por transmutações permanentes dos impulsos instintivos por influências ambientais.

Reich (1989), afirma que a formação do caráter na criança corresponde à conjuntura social e sexual. Através do caráter pode-se observar o encorajamento do ego, uma diminuição da mobilidade psíquica. Para Reich é possível a existência do caráter neurótico e do genital (saudável). Conforme Reich (1989), o caráter neurótico é regido por uma couraça tão rígida que, voluntariamente, não consegue alterá-la ou eliminá-la. O caráter genital comporta

a capacidade de reagir de maneira biológica, às situações não são controladas por automatismo rígido.

A capacidade de se abrir ou se fechar para as relações, constitui a diferença entre um caráter neurótico ou orientado para a realidade. “O caráter consiste numa mudança crônica do ego que se poderia descrever como um enrijecimento” (REICH, 1989, p.149). É na formação do caráter onde ocorrem os primeiros conflitos que vão propiciar o desenvolvimento das couraças musculares e do conflito neurótico e determinar a formação do caráter. O conflito neurótico é resultado do processo de formação do caráter. O conflito moral é preponderante na solidificação do caráter neurótico.

Reich (1927), explica que para Freud o sintoma neurótico se desenvolve a partir do meio. Resultam do conflito entre as necessidades instintivas e as exigências morais, que não possui força suficiente para proibir as reivindicações, promovendo uma frustração, a estase da libido. Segundo Freud (1969), a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo da libido sexual, ou desejo psíquico.

Todo acúmulo de excitação, ansiedade, é de origem somática e natureza sexual, e leva a um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais. O mecanismo da neurose de angústia promove uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, levando a um conseqüente emprego anormal dessa excitação (FREUD, 1969).

O ego reage ao impulso imoral, recalçando-o. O instinto recalçado não perde seu impulso, é reforçado pela estase da energia sexual. Os desejos sexuais são parte das pulsões recalçadas e o perigo consiste em que a reivindicação escape ao controle da reflexão. “Baseando-se nesse alargamento do conceito de sexualidade, Freud veio a concluir que nenhuma neurose se podia desenvolver sem conflito sexual” (REICH, 1927, p.34).

A diferença entre o saudável ou patológico depende da fase na qual o impulso é frustrado, da freqüência e intensidade, dos impulsos contra os quais é principalmente dirigida, da correlação entre indulgência e frustração, do sexo da pessoa responsável pela frustração e das contradições. “...essas condições são determinadas pela ordem social dominante na educação, moralidade e satisfação

das necessidades, em última análise, pela estrutura econômica vigente da sociedade” (REICH, 1989, p.153). “Se as circunstâncias mudarem, também se modificarão as condições da formação e a estrutura do caráter” (REICH, 1989, p.150). “Assim, o encouraçamento do ego é conseqüência do medo de punição, à custa da energia do id, e contém as proibições e normas de pais e professores. Só assim a formação do caráter cumpre as funções econômicas de aliviar o peso da repressão e, acima de tudo, de fortalecer o ego” (REICH, 1989, p.151).

Uma personalidade cuja estrutura de caráter impede o estabelecimento e uma regulação de energia econômico-sexual é a condição prévia de uma doença neurótica futura. Desse modo, as condições fundamentais para a doença não são o conflito sexual da infância e o complexo de Édipo como tais, mas está na maneira como são tratados. Uma vez que, entretanto, o modo como esses conflitos são tratados é em grande parte determinado pela natureza do próprio conflito familiar (REICH, 1989, p.152).

A base do caráter neurótico está no enrijecimento excessivo do ego que não permite uma vida de experiência sexual saudável, impossibilitando a liberação energética e aumentando a estase sexual. A estase sexual aumenta mais rapidamente que o encouraçamento, não conseguindo manter a tensão psíquica sob controle, os impulsos sexuais reprimidos irrompem manifestando-se com formação de sintomas como a fobia (REICH, 1989).

As frustrações, resultado do padrão moral de uma sociedade, produzem um retraimento da libido para o ego, aumentando o sentimento de timidez e angústia. A contração crônica do biosistema, a couraça muscular, produz impulsos secundários anti-sociais. O impulso biológico transforma-se em impulsos sádico-destrutivos (REICH, 1989). “Na neurose, o sistema nervoso está reagindo a uma fonte de excitação que é interna, enquanto o afeto correspondente está reagindo contra uma fonte análoga de excitação que é externa” (FREUD, 1969, p.131).

De acordo com Albertini (2003), a expressão neurose atual utilizada por Freud foi criada para classificar a neurastenia e a neurose de angústia. No entendimento freudiano da neurose atual, a etiologia deve ser procurada em

desordens da vida sexual atual. As psiconeuroses estão ligadas aos conflitos do período infantil.

O conceito freudiano de estase da libido assume um papel central na abordagem reichiana, onde há uma proximidade com o conceito de neurose atual, pois em ambos o olhar recai sobre a quantidade de libido que existe no presente. Baseado nesta semelhança, Reich passa chamar as neuroses atuais de neuroses estáticas.

Para Freud, o valor psíquico de satisfação sexual cresce com a sua frustração. A libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos, e por ali abre caminho, obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos. O incremento das doenças nervosas provém das restrições sexuais (ALBERTINI, 2003).

De acordo com Reich (1990), a neurose é a manifestação de uma perturbação genital e não apenas sexual em geral. Uma recaída em uma neurose após o tratamento analítico pode evitar-se na medida em que a satisfação orgástica no ato sexual houver sido assegurada. A neurose não é somente a expressão de uma perturbação do equilíbrio psíquico, é a expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da motilidade natural.

O masoquista é um caso especial de conflito de caráter, onde se evidencia a diferença de abordagem de Reich e de Freud que apresenta a tese do Instinto de Morte. De acordo com Reich (1990), o masoquista, ao contrário do que acreditava a psicanálise até Freud, não possui uma necessidade fisiológica para dor, mas sente a necessidade de romper algo que lhe impede o prazer e o relaxamento. A repressão da função de prazer natural, através de conceitos morais, desenvolve esta forma de angústia do orgasmo, associado à culpa. No masoquista, no momento de ocorrer o orgasmo, as fantasias aumentam tornando-se conscientes. “O masoquismo não corresponde a um instinto biológico. É resultado de uma perturbação na capacidade de satisfação de uma pessoa, e uma tentativa continuamente frustrada de corrigir essa perturbação” (REICH, 1990 p.218).

De acordo com Reich (1989), para os masoquistas o prazer está associado à fantasia de ser espancado ou à auto-flagelação, que é a única maneira pela qual

chegam à excitação sexual. O êxtase religioso configura-se segundo o mecanismo masoquístico. Desta forma outra pessoa deve realizá-la em forma de punição.

3.2 – A ENERGIA DA LIBIDO

Uma importante contribuição da psicanálise sobre a sexualidade foi fundamentar que a vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, logo após o nascimento. Descobriu-se que na infância, existem sinais de atividade corporal sexual que estão ligados a fenômenos psíquicos com que nos deparamos mais tarde, na vida erótica adulta, tais como a fixação em objetos específicos, como o ciúme. O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais é a boca, depois o ânus, o falo e finalmente o órgão sexual. Determinando as fases oral, anal, fálica e genital respectivamente (FREUD, 1978).

De acordo com Reich (1927), a descoberta de Freud que deu novas bases ao conjunto da psicopatologia é que todo sintoma neurótico pode ser integrado no conjunto da vida do indivíduo e provêm de um conflito entre as reivindicações instintivas primitivas e as exigências morais que proíbem a sua satisfação. A reivindicação instintiva recalcada não perde o seu impulso, pelo contrário, é reforçada pela estase da energia sexual. Freud fez importante descoberta relativa às conseqüências somáticas das perturbações sexuais. Qualquer passo a frente neste campo conduz aos conflitos da sexualidade. Neste contexto, Reich buscou o aprofundamento dos conceitos de genitalidade e sexualidade numa visão biofísica.

De acordo com Bichara (2003), a unidade funcional prevalece num mecanismo onde existe o impulso natural de prazer, este impulso é bloqueado através da repressão sexual, gerando a coexistência da moralidade exagerada e da perversão. Potência orgástica é a capacidade de atingir frequentemente uma satisfação de acordo com a estase libidinal do momento, permanecendo pouco sujeito às perturbações da genitalidade. No indivíduo neurótico estas condições estão totalmente ou parcialmente ausentes (REICH, 1927).

Os estudos clínicos de Reich, em 1932, marcam o seu posicionamento contrário à teoria freudiana do instinto de morte a partir das constatações de que o masoquismo não é um impulso biologicamente determinado, mas sim um impulso secundário no sentido econômico-sexual, resultando na repressão de mecanismos sexuais naturais (REICH, 1989).

A perturbação do orgasmo masoquista difere da perturbação de outros neuróticos pelo fato de que no momento da mais alta excitação, o masoquista é possuído pelo espasmo e o conserva. Gera uma contradição entre a expansão acentuada que está a ponto de ocorrer e a contração súbita. Todas outras formas de impotência orgástica inibem antes de ser atingido o ápice da excitação (REICH, 1990).

De acordo com Kolb e Whishaw (2002), comportamento é qualquer tipo de movimento de um organismo vivo. O sistema nervoso autônomo é parceiro oculto no controle do comportamento, regulando os órgãos e glândulas internas. Nieman (1999) e Dishman (2002), afirmam que o sistema nervoso autônomo possui influência sobre a emoção e o comportamento.

A expressão livre e desinibida da emoção, e a excitação e gratificação sexual naturais durante o orgasmo foram identificados por Reich como expressões do movimento energético desimpedido no corpo. Reich também afirmava que o orgasmo genital heterossexual ocupava um papel regulador central na economia energética do indivíduo, como meio de descarga periódica da tensão energética acumulada. Quando as necessidades sexuais e outras emoções são cronicamente frustradas, obstruídas, forma-se uma grande tensão interna, até um ponto de explosão onde surgem os sintomas neuróticos ou necessidades sádicas (DEMEO, 1995).

O desenvolvimento da teorização do orgasmo levou a uma aproximação entre o domínio tradicionalmente entendido como sexual e as demais esferas da vida. De acordo com essa ampliação, o importante é a capacidade de envolvimento e entrega no que se faz (ALBERTINI, 1993).

A psique é determinada pela qualidade e o soma pela quantidade. Na primeira é a qualidade da idéia ou desejo que é importante; no segundo, é apenas a quantidade de energia em ação que é importante. Mesmo assim, os processos verificados no organismo demonstraram que é a qualidade de uma atitude psíquica depende da quantidade de excitação somática da qual provém (REICH, 1990, p.226).

A unidade funcional prevalece ao passo que a energia biológica é que governa tanto o psíquico quanto o somático. A unidade funcional é a simultaneidade de identidade e antítese de duas funções (BICHARA, 2003).

Durante o orgasmo, uma excitação se concentra na periferia do organismo, principalmente nos órgão genitais que recua para o centro vegetativo e aí se acalma. Na excitação sexual, os vasos periféricos se dilatam. Na angústia, sente-se uma tensão interior centralizada, os vasos periféricos se contraem, representando a contração e expansão do protoplasma, como centro desta unidade funcional está o sistema simpático e parassimpático (REICH, 1989).

A neurose de angústia é fixada quando uma inibição impede que a excitação sexual passe ao sistema nervos senso-motor e à zona genital. Nesta situação a excitação permanece em estado de tensão no sistema vaso-vegetativo, dando origem a todos os fenômenos característicos da neurose (REICH, 1927).

Com base em extensas experiências clínicas, afirmo que, em nossa civilização, há poucos casos em que o homem e a mulher se entregam ao ato sexual com amor. A raiva usurpa os impulsos de amor iniciais, o ódio e a emoção sádica são parte integrante do desrespeito que o homem moderno tem pelo sexo. A raiva e o desrespeito, que distorceram tanto o movimento expressivo do amor genital, refletem-se nos termos vulgares disseminados, que se agrupam em volta da palavra "foda" (REICH, 1989 p.348).

O conflito sexual e a deturpação das emoções primárias geram atitudes associadas à pervenção sexual, violência que se refletem na sociedade com um todo. Reich (2001) utiliza como exemplo de peste emocional o fascismo, como resultado de uma cultura patriarcal e religiosa que utiliza a guerra como meio para o desenvolvimento econômico.

Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença (FREUD, 1908/1976, p. 193-194).

3.2-FASES DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

As etapas de desenvolvimento emocional tem sua origem a partir da Teoria da Libido de Freud, que explica que ocorre uma transição da energia da libido até a obtenção da maturidade sexual. Esta transição da energia da libido passa pelas seguintes fases erógenas, determinando as seguintes fases: fase oral, anal, fálica e genital. De acordo com Volpi e Volpi (2006) a maturação psico-emocional atravessa uma sucessão de etapas que seguem uma sequência lógica e um calendário maturativo que estabelece o caráter do indivíduo, ou seja, sua forma de agir e reagir perante as situações que o mundo impõe. O caráter é estabelecido por meio das vivências, principalmente relativas às fases de desenvolvimento emocional, que ocorrem durante a primeira infância. As experiências traumáticas deixam no corpo marcas irreversíveis. Volpi e Volpi (2003) explicam que o caráter de uma pessoa se forma com base nos bloqueios sofridos nas fases de desenvolvimento psico-emocional. Um estresse sofrido em uma ou mais etapas irá determinar o caráter e os traços de caráter, ou seja a maneira como o indivíduo se comportar perante a vida.

Se a criança passa pelas etapas do desenvolvimento sem sofrer comprometimentos entre seus impulsos naturais e as frustrações impostas a ela por uma educação moralista e repressiva, será capaz de chegar ao que Reich (1989) apud Volpi e Volpi (2006) denominou de caráter genital, sem bloqueios. Quando os impulsos naturais da criança são reprimidos ocorre uma fixação da energia na fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, deixando registros que mais tarde serão incorporados ao caráter da criança.

As etapas representam momentos de passagem que induzem à incorporação de experiências vividas. Se a criança passar por todas as etapas

sem bloqueios e fixações chegará à adolescência com uma estrutura de caráter chamada por Reich de genital. Caso contrário, terá um caráter neurótico, cuja a estrutura, será de acordo com a fase em que sofreu a fixação (VOLPI & VOLPI, 2003). Durante o processo terapêutico o indivíduo viverá emocionalmente a fase onde ocorreu a fixação, buscando amadurecimento desta fase e superação da fixação. No caso de países e do sistema social, identificada a falha e o padrão de comportamento, a terapia são políticas econômicas e sociais que busquem superar esta lacuna no desenvolvimento.

Volpi e Volpi (2006) apresetam com base nas descrições de importantes referências da psicologia coporal como Reich (1995), Lowen (1982), Baker (1980) e Navarro (1995) as etapas de desenvolvimento: sustentação, incorporação, produção, identificação e estruturação do caráter. A compreensão sobre as fases de desenvolvimento emocional possibilitam uma intervenção e pode propiciar ao paciente possibilidade de crescimento e maturidade caracterológica.

Etapa de Sustentação: esta etapa tem seu início na fecundação e se estende até 10 dias depois do nascimento. De acordo com Volpi e Volpi (2003), uma gravidez indesejada poderá gerar um estresse que ficará registrado no organismo da criança. O contato corporal, de energia e afeto com a mãe é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo (REICH, 1989) apud (VOLPI & VOLPI, 2006).

Durante essa primeira etapa, o bebê atravessa três fases: segmentação, embrionária e fetal. A fase de segmentação diz respeito ao início da formação da vida, compreende o período desde a concepção e se estende até a nidação, quando ocorre fixação do zigoto nas paredes uterinas. A fase embrionária é a partir de quando ocorre a nidação do zigoto nas paredes do útero até o segundo mês de gestação (NAVARRO, 1996) apud (VOLPI & VOLPI, 2006). É também a fase em que e pode presenciar a formação do cérebro e do sistema neurovegetativo.

Um bloqueio nesta fase irá determinar a formação do caráter, de acordo com Navarro (1995), chamado núcleo psicótico, denominado por Reich de caráter esquizóide, cuja característica é de uma pessoa confusa em seus pensamentos e emoções e que não tem objetivos claros na vida. No caso de interpretação deste

padrão de comportamento para uma nação observa-se a falta de um planejamento, de orientação e foco para o desenvolvimento econômico e social.

Etapa de Incorporação: esta etapa tem início logo após o nascimento e finaliza com o desmame quando o bebê possui dentes para triturar seu próprio alimento. Nessa etapa, o bebê se liga ao seio da mãe. É também nesta fase que o bebê vai gradativamente descobrindo que não faz parte da mãe e vai superando a relação simbiótica. Começa a estabelecer uma vida social e explorar o ambiente e (VOLPI & VOLPI, 2006).

Conforme explica Volpi e Volpi (2002), uma amamentação sem qualidade, um desmame precoce ou tardio gera uma fixação nesta fase. Como consequência tem-se uma estrutura ou traço de caráter oral, para Reich (1989), ou Borderline, para Navarro (1995), cuja característica básica é a contenção da raiva e, conseqüentemente, um padrão depressivo.

A Etapa de Produção tem seu início, geralmente, com o desmame e se estende até o final do terceiro ano de vida. Nessa etapa, a energia da criança está voltada à construção de pensamentos, de gestos, de brincadeiras, de jogos, de relacionamento. Fisiologicamente está aprendendo a ter controle sobre a produção de sua urina e de suas fezes, nesta etapa também ocorre o desenvolvimento da autoconsciência. A criança passa a imitar os pais em busca de modelos e tornar-se curiosa. As preocupações excessivas, principalmente com a ordem e limpeza e as exigências para que a criança contenha suas necessidades fisiológicas de urinar e evacuar podem ser problemática. A frustração e o medo de punição nessa etapa tolhe a espontaneidade da criança, deixa-a numa situação de submissão ao genitor que a frustra e confinada às rotinas diárias de seu cotidiano (VOLPI & VOLPI, 2006).

Uma outra característica dessa etapa é a passagem da brincadeira simples e repetitiva para uma brincadeira com maior elaboração, mais construtiva. A criança demonstra interesse pelos jogos imaginativos e mais tarde, o interesse se volta para os jogos mais formais, com regras. Quando se reflete o desenvolvimento econômico é importante salientar que a inovação é um dos motores propulsores da economia e que um padrão de submissão e de atividades

rotineiras sem inventividade pode significar um padrão de superprodução que não impulsiona o desenvolvimento econômico.

Conforme explica Volpi e Volpi (2002), um bloqueio nesta etapa é responsável pela formação do caráter ou traço de caráter psiconeurótico para Navarro (1995), que se divide em, também para Reich (1989), masoquista, quando a mãe é severa, repressora e punitiva ou o traço obsessivo-compulsivo quando a mãe é muito exigente com ordem e limpeza e tem comportamento moralista.

Observa-se, portanto, um padrão com alto funcionamento energético, portanto hiperorgonótico, associado à superprodução e abdicação da capacidade criativa e de prazer na vida para uma padrão de pura realização, mesmo que associada ao desprazer. No caso dos países e do sistema social este padrão pode ser amplamente percebido tanto no processo produtivo, onde se destaca o maior problema do colapso do sistema econômico a superprodução, como na ideologia religiosa da culpa e na cultura da guerra como meio para o desenvolvimento econômico.

A Etapa de Identificação ocorre entre o quarto e o quinto ano de vida quando a criança tornar-se capaz de fazer identificações entre a diferença dos sexos. A energia da criança volta-se para a descoberta dos genitais, nessa etapa, a criança também passa a desenvolver a individualidade, saindo do campo familiar e voltando-se ao campo social. Mais tarde, na próxima etapa, a criança irá realizar a chamada constância ou conservação de gênero, ou seja, passa a ter consciência de que seu sexo será sempre o mesmo e, depois disso, assumir seu papel sexual (VOLPI & VOLPI, 2006).

Volpi e Volpi (2002) explicam que nesta fase de acordo com Navarro (1995) uma fixação leva à formação do caráter ou traço neurótico, que de acordo com Reich (1989) subdivide-se em caráter fálico narcisista e histérica. Está é a fase que antecede a formação do caráter saudável, genital, caso não ocorra nenhuma fixação, pois está diretamente ligada à sexualidade, e portanto, a conquista da maturidade sexual adulta, fundamental para uma vida saudável psíquica e fisicamente, pois estaria norteadada pelo prazer e pela satisfação das necessidades nas mais diferentes instâncias da vida.

Etapa de Estruturação e Formação do Caráter: tem início aos cinco anos de vida e se estende durante toda a puberdade, até o início da adolescência. Segundo Reich (1987), é a etapa em que a formação da estrutura básica de caráter se completa. Nesta fase ocorre a identificação da criança com o pai do mesmo sexo e a masturbação fica mais evidente. Ocorre, também, a formação da própria identidade. Se a criança chegar nesta etapa sem bloqueios ou fixações das fases anteriores, pode estruturar o chamado caráter genital, que de acordo com Reich (1989) é saudável. O caráter genital é quase, praticamente, um caráter apenas de referência para o processo terapêutico. Reich (1989) observa que como seres sociais, as estruturas sócio-econômicas também tem que evoluir para que o indivíduo, em uma dinâmica recíproca, possa dialogar com este processo, como ator deste processo evolutivo e como produto deste mesmo processo.

De acordo com Volpi e Volpi (2006, 2002), Reich (1989), Navarro (1995), são as seguintes as fases de desenvolvimento emocional: fase de sustentação, de incorporação, de produção, de identificação e formação do caráter. Estas fases correspondem respectivamente à fase ocular (gestação a aproximadamente 10 dias após o nascimento), oral (até o desmame), anal (entre 1 a 3 anos), fálica (aproximadamente 5 anos de idade) e genital (11 anos de idade). Em relação ao potencial energético e fase de fixação tem-se que: Esquizóide, fixação fase ocular – hipoorgonótico desorgonótico; Oral, fixação oral – Desorgonótico; Masoquista ou Obsessivo Compulsivo, fixação na fase anal – hiperorgonótico; Fállico Narcisista ou Histérico, fixação na fase fálica – hiperorgonótico, desorgonótico; Genital, não tem fixação nas fases anteriores – Orgonótico.

4- O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA

Neste tópico será desenvolvido um arcabouço teórico sobre o desenvolvimento capitalista no que diz respeito às características histórico-econômicas e culturais. Questões como a bagagem cultural herdada do período medieval, o sistema econômico que se estruturou a partir desta passagem histórica, o modo de produção e sua relação direta com o trabalhador, assim como também uma breve discussão sobre o papel das hegemonias ao processo de globalização da economia e crise do sistema capitalista que se reflete neste ano, como a mais profunda crise desde 1929.

Há controvérsias sobre o papel das crises no desenvolvimento capitalista. Por um lado podem apresentar uma evidência da necessidade de mudança de modo produtivo e sistema sócio-econômico em que vivemos, por outro a crise é entendida como um processo cíclico estrutural do capitalismo onde alternam-se períodos de depressão e de ascensão econômica.

Não cabe ao perfil deste trabalho fazer previsões e profetizar o sistema social perfeito, mas evidenciar um processo de evolução constante, do qual fazemos parte e que no nosso sistema social é evidenciado pelo desenvolvimento tecnológico. O fato discorrido e defendido nesta monografia é de que a cisão neurótica existente nos indivíduos pode ser identificado também no sistema produtivo, na cultura, ou seja, no sistema social como um todo. Neste contexto, o problema não são as crises, mas a falta de perspectiva que o sistema sócio-econômico, na sua estrutura atual, apresenta para o contínuo desenvolvimento sustentável, seja no que diz respeito aos aspectos ambientais de um sistema financeiro eficiente, distribuição das riquezas, eliminação do desemprego, acesso à informação, eliminação do estado de guerra em que vivemos e da possibilidade de contínuo desenvolvimento tecnológico associado ao desenvolvimento humano. Conforme explica Wallestein apud Arrighi (2008), o problema não é o ciclo de expansão e de depressão, mas sim a crise sistêmica.

Em síntese serão os seguintes pontos abordados: a herança cultural da idade média à uma análise psicológica do sistema produtivo capitalista, o caráter psicológico da afirmação hegemônica das nações, o processo de globalização e a

crise da superprodução e do mercado financeiro do sistema capitalista. Assim como Reich (1927, 1989, 1990, 2001) apresenta, esta análise será feita a partir da compreensão de que na vida, existe um único impulso primário que é pelo prazer. Entretanto, conforme explica Reich (1990), a inibição do impulso primário produz um impulso secundário e angústia, que pode se manifesta como comportamentos sociais destrutivos nas mais diversas esferas da vida. Portanto, para dar prosseguimento a este assunto tão amplo e controverso, gostaria de deixar claro, que o objetivo não é apontar o caminho certo, pois a dinâmica de evolução econômica-social esta posta, o que é importante é que identifique-se algumas falhas para que seja possível desenvolver medidas de intervenção no que diz respeito à saúde dos indivíduos e da sociedade.

4.1-A ECONOMIA GLOBAL CAPITALISTA

De acordo com Arrighi (1996) o desenvolvimento capitalista é caracterizado pela hegemonia, pelo capitalismo e pelo territorialismo. O eminente declínio do poderio norte americano estimulou o estudo do desenvolvimento do capitalismo por meio da compreensão do caminho da queda das hegemonias. Afirmar que o Império norte americano esta declinando desde a década de setenta poderia ser questionável como tese, a menos que sua extensão bélica, a dominação de sua moeda e de sua produção tomassem um caminho contrário do que segue hoje. Porém, a oscilação produzida pelas hegemonias antecessoras, justificam, senão afirmação, pelo menos o estudo.

Inovação e liderança são os fatores que determinam as principais características que impulsionam os países à hegemonia e ao poder. A hegemonia seria a capacidade de um Estado influenciar os demais, o que de fato incorre em quebra da soberania nacional, na maior parte dos casos. O Poder é algo maior do que apenas dominação pura e simples é resultado de uma hegemonia. Usando Maquiavel e Gramsci o autor demonstra que poder é a combinação de coação e

permissão. A coação se dá num nível de armas, para evoluir em acumulação de capital e imposição financeira (ARRIGHI, 1996).

Conforme explica Arrighi (2008), para Gramsci hegemonia é o poder adicional de um grupo dominante. O poder, neste caso, é percebido pelos grupos subordinados, como se estivesse a serviço dos interesses gerais. O domínio sem hegemonia ocorre quando ocorre falta de credibilidade no grupo dominante. O interesse geral do sistema é identificado com os aspectos coletivos de poder, quando ocorre aumento de poder coletivo dos grupos dominantes, não na distribuição de poder.

A crise da hegemonia, portanto, caracteriza uma situação onde o Estado hegemônico deixa de conduzir o sistema de estados numa direção onde o poder coletivo dos grupos dominantes esteja em expansão. Nesta situação o Estado pode permanecer dominante, mas sem hegemonia. A hegemonia dos EUA surgiu após a segunda guerra mundial num contexto de Guerra Fria, politicamente orientado, sob a crença das autoridades americanas de que a nova ordem mundial era a única garantia contra o caos. A ordem deveria ser garantida por um sistema mundial baseado no poder norte americano.

A economia norte-americana iniciou sua consolidação hegemônica a partir do final da IIª Grande Guerra Mundial. Com a vitória dos aliados, a Europa e o Japão destruídos econômica e militarmente, os EUA emergiram como a mais forte economia do mundo, vivendo um rápido crescimento industrial e uma forte acumulação de capital (CARVALHO, 2008). As políticas estabelecidas na Conferência de Bretton Woods, em 1944, no final da IIª Guerra Mundial, implementaram regras sobre as relações comerciais e financeiras como forma de gerenciamento econômico internacional. As bases políticas de Bretton Woods são resultado de um momento histórico marcado pela Grande Depressão, pela concentração de poder em um pequeno número de Estados e a presença de uma potência dominante. Foi criado, então, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) que foi mais tarde dividido em Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Entre as principais determinações da Conferência estava a obrigatoriedade dos países adotarem uma política monetária que

mantivesse fixa a taxa de câmbio das moedas indexadas ao dólar, que teria, por sua vez, lastro no ouro.

A hegemonia norte americana também se consolidou com a idéia de que um sistema econômico liberal internacional aumentaria as possibilidades de paz.

Na condição de maior potência mundial e uma das poucas nações não afetadas pela guerra, os EUA estavam em posição de ganhar mais do que qualquer outro país com a liberação do comércio mundial. Os EUA teriam com isso um mercado mundial para suas exportações, e teriam acesso irrestrito a matérias-primas vitais. Carvalho (2008) explica que a Conferência de Bretton Woods definiu regras comuns de comportamento para países participantes que contribuísse à atingir uma prosperidade econômica. Seria necessário, por outro lado, que abrissem mão de pelo menos parte de sua soberania subordinando-as ao objetivo comum de conquista da estabilidade macroeconômica.

O instrumento para centralizar o poder foi o controle norte-americano sobre a moeda mundial e o poder militar. De acordo com Arrighi, o modelo hegemônico norte americano teve êxito ao iniciar uma das maiores expansões da história capitalista, orquestrado pelo keynesianismo militar e social em escala mundial. Os enormes gastos com o rearmamento dos EUA, a busca do governo pelo pleno emprego, elevado consumo e pelo desenvolvimento do sul global foram as políticas que garantiram este sucesso (ARRIGHI, 1996).

A anarquia de mercado, caracterizada por Marx, encontra um forte esquema organizacional que permite extração de lucros extraordinários, mas opõe-se ao caos. Arrighi separa caos e anarquia justamente para demonstrar que a elevação do espírito a uma política superior de finanças exigiu um caminho complexo, onde as tendências e expectativas em meio caótico determinaram os investimentos e o fluxo mundial de capitais, bem como a alteração profunda entre o sistema medieval, seu caráter caótico sem governo centralizado, para um esquema bem orquestrado, com fronteiras claramente delimitadas e finanças evoluídas.

A grande faceta do capitalismo é abarcar muitas composições políticas distintas, o que confere certa flexibilidade ao sistema. Genova e Veneza são exemplos disso. Cidades-Estado que tiveram desenvolvimento político

diferenciado, o que levou-as a chocar-se pela divisão do mercado. Os estágios de acumulação de capital possuem uma grande simbiose com a guerra. Em determinado momento fica claro que lucros podem ser maximizados por meio da guerra, pilhagens, além do que o investimento na guerra produz proteção e ameaça à quebra de contratos. É claro que engendram questões de importância para Empresas e Estado em suas disputas, mas esta claro que é o Poder econômico que dá ao Estado a importância política de seu tempo (ARRIGHI, 1996).

Diferença fundamental é estabelecida entre “capitalismo” e “territorialismo”. O primeiro compreende Poder como o domínio sobre os recursos escassos e lucrativos, bem como o trabalho sobre a moeda como mercadoria; já o segundo vê na expansão geográfica e populacional o poder. O territorialismo conduz a uma atitude bélica mais intensa, viu-se transformada rapidamente em força financeira apoteótica em Veneza. Arrighi demonstra que esta territorialidade não adoçou os chineses, que consolidaram-se no milenar território, sem expansões. Ao contrário, o processo efetivo impulsionara o português a encontrar uma rota pelo mar para chegar à China, para cobrar dívidas. A China não teve a mesma sorte de possuir dívidas a serem salgadas por caloteiros portugueses e, por isso, não lançaram-se ao mar, além de possuir um espaço territorial grande o suficiente para o desenvolvimento de comércio interno. Estes são os fatos da investigação dos porquês dos ciclos de acumulação de capital e como o capitalismo chegou a todas as partes do globo (ARRIGHI, 1996).

4.2 –AS HEGÊMONIAS NO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

4.2.1- A Origem do Moderno Sistema Inter-Estatal

As Cidades-Estados italianas, do norte, no período medieval, são a origem deste moderno sistema, que é a síntese da luta entre territorialidade e capitalismo. A Itália setentrional experimentou o equilíbrio de poder baseado nas quatro

grandes Gênova, Veneza, Florença e Milão, o que foi fundamental para o desenvolvimento baseado nas altas finanças e na guerra (ARRIGHI, 1996).

Assim as Cidades-Estado descobriram a indústria da proteção, que fez a liquidez excedente das cidades italianas serem canalizadas para o exército, ao passo que isso aumentava a renda dos cidadãos. Ademais estas cidades, com Veneza à frente, desenvolveram grandes redes de contatos e diplomacia permanente, o que jogou mais lenha na fogueira. O comércio a longa distância, as altas finanças, a administração do equilíbrio do poder, a comercialização da guerra e a diplomacia configuram os fatores fundamentais do desenvolvimento das cidades ao norte da Itália (ARRIGHI, 1996).

Individualmente as Cidades-Estados nunca tentaram promover uma mudança radical no sistema medieval. Fizeram estas modificações sem premeditações. As disputas pelo mercado mundial, como as rotas para o Oriente, levam Veneza a expulsar comerciantes genoveses que acabam por financiar Espanha e Portugal na tentativa de solapar a rede veneziana, Portugal tem êxito, Espanha fracassa, mas tropeçou numa nova fonte de riquezas: a América.

Esse achado dava novas bases materiais para o prosseguimento da acumulação. Agora o que provêm das colônias torna-se riqueza direta de extrativismo espanhol e português, sendo elas utilizadas nas lutas travadas na Europa.

Um círculo vicioso/virtuoso (virtuoso para quem dele se beneficiava, vicioso para quem dele tornava-se vítima) criara-se. Mediante a intensa competição e guerra ocorridas na Península Ibérica, na Itália Setentrional, na Europa central, poder-se-ia dizer os Estados estavam treinados. Uma especialização na Gestão do Estado e da Guerra, de tal forma sofisticada, desenvolvera-se sem precedentes (ARRIGHI, 2008).

A Espanha foi o país que mais apresentara força no Poder de Estado. Combatendo nas Américas e na Europa ao mesmo tempo, o Poder da Espanha, beneficiada por este ciclo virtuoso/vicioso ultrapassara longamente os dos demais países da Europa. Este poder viu a Espanha do século XVI deixar de lado a transição para um moderno sistema de governo para tornar-se servil à Casa

Imperial dos Habsburgo e ao Papado, buscando defender as últimas agonias do sistema medieval de governo, em franca decadência (ARRIGHI, 1996).

Ocorre que, por outro lado, o equilíbrio se estabelecia entre Espanha e os Estados Dinásticos ao norte, no caso Inglaterra, França e Suécia. Nenhum dos três individualmente podia com o Poder Espanhol, porém os três juntos equilibravam-se. A tentativa de, por meio dos Habsburgos e do papado, subordinar estes Estados Dinásticos fez ocorrer uma rápida escalada nos conflitos, fazendo os planos Espanhóis darem água e abrindo caminho para entrada em cena rápida e fulminante da hegemonia holandesa que acabou por sepultar o velho sistema medieval de governo. Para Giovanni Arrighi, neste momento, tal proporção torna o conflito entre os Estados que ocorre mesmo o perigo de dissolução dos Estados (ARRIGHI, 1996).

O capitalismo é revolucionário enquanto constrói as forças produtivas; ato contínuo, em determinado momento deixa de fazê-lo, passando a auto-destruir as forças produtivas, que têm por elemento fundamental o homem (fomes, guerras, pandemias, etc). As revoltas ocorridas neste período de transição (a mais marcante delas a chamada Revolução Puritana) está na base do inanimado em ação. O colapso material de uma economia se dá no plano dos recursos produzidos, ou tomados pelo saques e pela guerra. A investida na guerra, sua especialização pode provocar problemas de abastecimento, particularmente de comida. A ação política em cima da guerra faz com que também aumente o trabalho escravo. Interessante observar que na América recém descoberta também os índios Guaykurus dominavam sob a base da guerra e escravidão.

Está claro que na Europa do século XVI o fator primitivo, da doutrina religiosa também se transformou em meios para a guerra, como entre os Kádweus, que acreditavam terem sido os últimos criados por Deus, então tinham direito a pegar tudo o que precisassem de qualquer lugar, por meio da guerra.

A religião para Arrighi (1996), seguindo o princípio do "*cuius régio eius religi*", a religião é quem possui a região, viu-se cercada de novas propostas religiosas que acabou por descontentar a todos os seguidores provocando intensas revoltas. A religião sempre foi o meio efetivo pelo qual se produziram verdadeiras máquinas de guerras.

No plano do conflito eurocêntrico, Os holandeses em sua luta pela independência em relação à Espanha medieval, consolidaram uma clara liderança intelectual e moral sob os Estados dinásticos do noroeste da Europa.

Com o “Tratado de Vestfália”, de 1648, emergiu, pois, um novo sistema mundial de governo. A idéia de autoridade ou organização acima dos Estados soberanos deixou de existir. O que veio tomar seu lugar foi a idéia de que todos os Estados compunham um sistema político mundial, ou pelo menos, de que os Estados da Europa Ocidental formavam um único sistema político mundial.

De tal forma a guerra se estabeleceu como coisa corrente, que esta já não afetava mais a troca e diálogo entre as populações destes países. A amabilidade dos países como o francês de conhecimento geral não impedia a cordialidade das relações entre povos, ainda que seus senhores estivessem em guerra. O caos sistêmico foi substituído por uma nova ordem anárquica, pendendo aos interesses de acumulação irrestrito do novo Império Holandês. A liberdade para a burguesia organizar pacificamente o comércio, por meio da criação de jurisdições, fez criar um impulso fulminante contra o sistema medieval.

A Holanda, diferentemente de Veneza, ou Gênova, assumia o controle do Poder por meio do desenvolvimento das altas finanças. Suas redes eram eficientemente postas nos pontos estratégicos do comercio mundial. O poderio bélico da Holanda era pujantemente mais vigoroso que a de Veneza fora. O príncipe de Orange, Mauricio de Nassau, ao reutilizar vários métodos dos antigos exércitos romanos, organizou aquilo que duzentos anos depois a administração científica descobriria para as empresas norte americanas: a divisão do trabalho, a evolução da técnica, a produção planificada para aumentar a eficiência da mão de obra, as divisões ficaram menores, e a linha de comando aumentou. Esta elite holandesa forjara-se nos longos anos de luta pela independência frente à Espanha. Esta realidade qualificara a Holanda para se tornar mais flexível e entender que a aparente falta de poder no fundo lhe conferia um poder muito maior (ARRIGHI, 1996).

4.2.2- A Hegemonia Britânica e o Imperialismo de Livre Comércio

De acordo com Arrighi (1996) a passagem da Holanda pelo poder foi rápida, logo já era determinada pela forte influência da Inglaterra sobre as Dinastias, constituindo o que veio a ser a hegemonia britânica e o imperialismo de livre comércio. A seqüência de guerras e posicionamentos, revoltas populares, camponesas de uma forma ou outra acabam por fortalecer França e Inglaterra. Em 1652, apenas quatro anos após o Tratado de Vestfália, eclodiram as Guerras Anglo-Holandesas. O que importa é que a colonização direta, a escravatura capitalista e o nacionalismo econômico são constantes.

Embora a colonização direta e a escravatura tomassem a natureza em extensão, particularmente ao que concerne aos seres humanos, não eram suficientes para justificar e fechar a contabilidade entre o valor de riquezas gerados e acumulados durante este período. A interminável acumulação de excedentes monetários no comércio colonial e interestatal é que eram responsáveis pela maioria das somas, bem como a aproximação dos mercantilistas destas somas. Do ponto de vista territorialista chegaram a reivindicar 55% do espaço geográfico da Terra, embora ocupasse na realidade apenas 37%. Em 1878 esta proporção se elevava para 67% e depois para 85%.

Estas somas acumuladas em Londres ofereceram então o financiamento disponível ao mundo todo. Pela primeira vez de fato estava constituído um mercado mundial, fato sem precedentes para o desenvolvimento das forças produtivas, particularmente no que concerne às altas finanças. A expansão da Inglaterra via paralelamente o protecionismo como um poderoso instrumento de governo de toda a economia mundial. Outra coisa destacável é que com o avanço da técnica das altas finanças a Inglaterra faria surgir pela primeira vez com todo o vigor o controle sobre os meios de pagamento, ou seja, a criação de uma moeda única mundial.

4.2.3- A Hegemonia Norte-Americana e a Ascensão do Sistema da Livre Iniciativa

O declínio ocorrido tem parte de substância na perda da força da Inglaterra, lá pelo idos de 1870, primeiro na Europa, depois na América. Os Estados Unidos se embrenharam numa guerra pela independência e logo a guerra civil, guerra da secessão criaram o ambiente propício ao seu desenvolvimento.

Benjamin Franklin apresentou-se como a melhor síntese intelectual desta tendência que combinava territorialismo e capitalismo, defendendo que os índios fossem subjulgados para aumentar o espaço vital do povo conquistador. O que também se tornara obsessão dos governantes alemães: o aumento do espaço vital.

A luta pela supremacia mundial levou Inglaterra e França a se atacarem por mais de cem anos, o que veio criar um sistema anárquico, que acabou num caos sistêmico. O processo de socialização da gestão da guerra também acompanhou a evolução técnica das finanças.

Estava claro que a luta pela re-divisão do mercado mundial estava por acontecer. Em todos os países os parlamentares, mesmo os socialistas eram levados a votar os créditos de guerra, desenvolvendo ainda mais o caminho da auto-destruição das forças produtivas. Tudo isso conduziu às condições para o desenvolvimento da Revolução Russa, em 1917. A revolução ocorreu levando em síntese as três grandes reivindicações populares: paz, pão e terra. A expropriação da propriedade privada dos grandes meios de produção, embora fosse fato retumbante na conjuntura mundial, na Rússia semi-feudal as forças produtivas eram limitadas, e ainda as tomadas durante a guerra civil tornaram-se vítimas de destruição a toda a prova.

Agora em tempos de panamericanismo de manha, tarde e noite, fica evidente que a superioridade produtiva dos Estados Unidos naquilo que se propõe enquanto consumo de massas, rendimento, é espetacular. É notório que um só país ganhe mais de 50% das medalhas disputada entre dezenas de países.

A sociedade civil americana e “seu jeito” de ser, seu estilo de vida, conquistou o mundo todo. Tanto na Segunda como na Primeira Grande Guerra, os

EUAs não entraram na guerra. Levaram ao máximo a velha inteligência Genovesa e Veneziana de fazer outros combaterem em seu lugar.

Assim, a grande vantagem conferida em manipular a guerra fez dos Estados Unidos o grande instrumento capaz de gerar os recursos para levantar a Europa destruída. Roosevelt teve a audácia de pensar em um governo mundial. Dividiu o mundo entre rico e pobres, estando os Estados Unidos entre os ricos e os demais entre os pobres, inclusive Rússia que também deveria ser privilegiada com o sistema americano.

Seus sucessores reformistas afastaram a idéia garantindo o poderio mundial por meio do controle da moeda mundial e do poderio militar global, instrumento primário da hegemonia. A Conferência de Bretton Woods onde foi criado o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e ONU tornam-se instrumentos internacionais de gerenciamento dos conflitos e do caos sistêmico mundial, tendo os Estados Unidos como gestores de todas as instituições ditas.

Esta claro que o mecanismo utilizado pelos tratados de livre comércio e pelos acordos que sucederam Bretton Woods favoreceram o Imperialismo americano em sua missão de difundir a livre iniciativa sobre os demais povos. E, fundamentalmente, que é o comércio de moedas por moedas que faz do capitalismo americano o grande imperialismo.

4.3-O SISTEMA PRODUTIVO CAPITALISTA

4.3.1- O Modo de Produção Centrado na Grande Indústria Moderna

Aued (04/2005) explica que nas relações entre alienação, maquinaria e a grande indústria moderna, o ser em si e para si ainda não se constitui em sua plenitude, embora alcance um grau superior de sua existência. Explica que o ser em si e para si só alcança a condição de sua existência plena quando o homem é produto consciente do próprio homem. Ainda, na sociedade burguesa, o homem é determinado pelo capital, de forma que a alienação ainda não foi superada plenamente.

Com a introdução da maquinaria no processo produtivo, o capital que é consumido no modo de produção é o capital fixo, que é apenas um meio de produção na transformação de matéria prima em produto. Em sentido amplo todo processo de produção e circulação são meios de produção para o capital, para o qual existe um valor em si mesmo. A unidade dinâmica que constitui o processo de trabalho é formada pelo meio de trabalho e pelo trabalho vivo, que objetiva o capital. Com a inserção da maquinaria no processo produtivo, o trabalhador não é mais animador dos instrumentos de trabalho com sua habilidade e virtuosismo, a máquina, pelo contrário, é que exerce sua força e habilidade diante do trabalhador e da mesma forma que o trabalhador consome meios para sua subsistência a máquina consome óleo e materiais instrumentais em geral. A atividade do trabalhador é limitada a uma mera abstração da atividade e sua atividade é determinada pelo movimento da máquina e não o contrário (MARX e ENGELS, 1978).

O trabalho como simples momento do processo de valorização do capital é mero acessório da maquinaria. Está colocada no capital fixo que existe como maquinaria a relação de valor de uso do capital com o valor de uso da maquinaria que é o pressuposto do resultado do trabalho humano. O trabalho individual perde sua força, transformando-se em algo infinitamente pequeno. O capital circulante, por sua vez, se apresenta como a forma adequada do capital frente ao capital fixo. A força produtiva da sociedade é medida pela capacidade do capital fixo que existe na forma objetiva. A ciência que se apresenta na máquina é algo externo ao trabalhador e o trabalho vivo é colocado abaixo do trabalho objetivado que atua automaticamente. O trabalhador torna-se supérfluo à medida que sua ação não está condicionada à necessidade de capital. O capital neste processo está à mercê do desenvolvimento histórico das forças produtivas e nessas forças também está a ciência (MARX E ENGELS, 1978).

No período da grande indústria moderna a alienação decompõe o trabalho em geral e explicita o trabalho na sua determinação mais simples como puro desprendimento de energia física e mental do homem comum. Explicita também, que o homem como trabalhador, não realiza sua condição de se transformar em

homem plenamente desenvolvido, isto é, constituir-se como homem humanizado (AUED, 04/2005).

O período manufatureiro explicitou à humanidade a mediocridade de se identificar homem como trabalhador e a grande indústria moderna conduz o homem à condição da mais miserável das mercadorias. O ponto de partida para desvelar os nexos, as mediações e as relações entre alienação, maquinaria e grande indústria moderna é a base material engendrada pela própria manufatura, a junção de ferramentas simplificadas num mecanismo mecânico, a máquina. A eliminação do ofício manual como princípio regulador da produção social e a produção de máquinas se constituem em negação, superação da própria produção capitalista manufatureira.

O trabalhador coletivo manufatureiro se constitui numa forma de ser singular de os homens produzirem sua existência, mas esta singularidade está assentada sobre o trabalhador coletivo, cujos elementos são o trabalhador parcial e suas ferramentas especializadas. Nesta condição, o homem em si ainda não se desvencilhou por completo dos elementos que o fazem um trabalhador. O homem se alienar do trabalhador é passo necessário ao processo de se completar como ser social plenamente desenvolvido (AUED, 2004).

4.3.2-Contradições e a Crise da Economia Capitalista

Entre uma das importantes contradições do processo produtivo no capitalismo está o fato de que o trabalho individual, em geral, deixa de apresentar-se como produtivo, ou melhor, o trabalho individual só é produtivo nos trabalhos coletivos que subordinam o indivíduo ao processo de produção. A contradição explicitada neste processo é a de que na mesma medida em que o tempo de trabalho é posto pelo capital como o único elemento determinante, na mesma medida desaparece o tempo e quantidade de trabalho como o princípio determinante da produção. O capital, portanto, explicita seu processo contraditório de reprodução, pois trabalha em sua própria dissolução enquanto forma dominante de produção (MARX e ENGELS, 1978).

Conforme explica Mendel (1997), existem duas vertentes que explicam a crise do capitalismo pela: superprodução – insuficiência de demanda global - ou superacumulação (insuficiência de lucro para expandir os bens de capital. O erro está em dividir o que está associado. O autor explica que Marx escreveu em seus últimos escritos – os manuscritos do Tomo III de O Capital que há necessidade de se ligarem os problemas resultantes da queda da taxa de lucro àqueles da realização da mais-valia para explicar o fenômeno das crises periódicas. O modo de produção capitalista é, ao mesmo tempo, produção mercantil e produção para o lucro das empresas, embora operando de maneira independente uma das outras.

Como já foi mencionada anteriormente a célula base da produção capitalista é a mercadoria que pode ser dividida em mercadoria e dinheiro, pois tem que se apresentar como valor de troca. As crises capitalistas são crises de superprodução de valores de troca, com a impossibilidade de venda dessas mercadorias a preços que garantam o lucro médio. A superacumulação de capitais é acompanhada uma superprodução de mercadorias.

A lógica da expansão e da crise de superprodução segue a seguinte seqüência: em altos níveis de expansão, menor é o exército industrial de reserva e mais se torna difícil aumentar a mais valia. Como consequência, também, torna-se mais difícil manter a baixa relativa dos preços de matérias-primas. Ocorre uma queda acentuada da composição orgânica do capital (cc/cv), que representa o lucro, – capital constante (máquinas) / capital variável (trabalhadores). Então, a queda da taxa de lucro acentua a concorrência entre os capitalistas. A queda da taxa de lucro desencadeia o aumento de recursos ao crédito e, portanto, o agravamento do endividamento das empresas (MENDEL, 1997).

Por outro lado, o aquecimento da economia leva ao aumento de lucro e da composição orgânica do capital que impulsionam um aumento da produção. No modo de produção capitalista é impossível reduzir o valor unitário dos bens de consumo, sem aumentar consideravelmente a quantidade total produzida. O superinvestimento provoca uma superacumulação que acaba por gerar um subinvestimento. A superabundância de capitais e escassez de lucros passam a existir ao mesmo tempo. Para retomar o crescimento seria necessário que

ocorresse uma expansão do mercado, ou seja, um aumento do poder de compra dos consumidores e uma alta efetiva da taxa média de lucros.

A grande questão neste aspecto é, por que os capitalistas continuam a agir da mesma maneira. Aumentam de maneira significativa os investimentos durante a fase de crescimento, o que gera uma capacidade excedente de superprodução e por que reduz significativamente os investimentos durante a crise, o que acentua a queda das vendas e abaixa, ainda mais, os lucros.

Mendel (1997) explica que o que é racional do ponto de vista do sistema tomado em seu conjunto não o é do ponto de vista de cada empresa tomada isoladamente. Evidencia com esta afirmação a cisão que ocorre no sistema econômico. As empresas se esforçam para obter parte do bolo ampliado, aumentando, desta forma, o superinvestimento. Por outro lado, é impossível pensar que quando há queda das vendas, cada empresa individual irá aumentar a sua capacidade de produção, pois neste momento, para cada empresa, é necessário diminuir as perdas e a queda dos preços, isto é, reduzir a produção, o que resulta um subinvestimento cumulativo macroeconômico.

O autor argumenta ainda que a posição dos liberais de que o interesse geral é atendido pelo interesse particular explicitam-se ilusória. A propriedade privada, portanto é obstáculo insuperável ao crescimento extensivo dos investimentos.

Desta forma ficam explicitadas de maneira sintetizada as contradições que levam o sistema à bancarrota. As contradições e necessidade dos agentes terem que agir de forma oposta ao seu interesse em função das determinantes econômicas continua a reproduzir-se.

A representação de falta de unidade lógica no processo produtivo e de mecanismo auto-destrutivo, também pode ser observado nos indivíduos quando não puderam vivenciar cada uma das fases do desenvolvimento emocional. O pulso de morte constrói a vitória pela mutilação. Se o organismo social fosse um homem, sua cabeça indicaria para cortar sua própria mão? Mas a depressividade social é capaz de jogar bombas no seu próprio corpo, justificando-se pelo câncer social, mas pensando que sobrarão mais gordura para si mesmo. Esta cabeça que

manda cortar a mão morrerá de tanta gordura acumulada ou de fome por não conseguir pegar a comida.

O organismo social se frustra sexualmente, e essa representação humana é a mesma energia de morte, nos jorros de sangue de qualquer destas guerras e da manutenção de um sistema contraditório.

4.3.3 - O Comportamento Social Destrutivo

Por um lado pode existir objetivo de ampliação do espaço econômico nas guerras, entretanto nem sempre as guerras trazem em si um objetivo concreto de melhorias econômicas, mas sempre traduzem comportamentos sociais destrutivos. A bomba de Hiroshima e Nagasaki é um exemplo extremo de uma atitude social destrutiva, em uma situação onde já se havia chegado o fim da Segunda Guerra Mundial e vitória dos aliados.

O comportamento bélico ocidental que teve início nas cidades estado italianas estendeu-se até os dias de hoje. O Império norte americano é sua representação máxima. Mas sabemos que o movimento em direção à guerra existia mesmo em aldeias africanas, onde em algumas utilizava-se, inclusive, a prática da escravidão dos capturados de guerra.

Reich atribui a este fenômeno de dominação a formação das civilizações patriarcais. De acordo com Reich (1990) a estrutura de caráter do homem moderno reflete a cultura patriarcal e autoritária de 6 mil anos e é tipificada por um encorajamento do caráter contra a sua natureza interior. Essa couraça de caráter é a base do isolamento, da indigência, do desejo de autoridade e do medo à responsabilidade e do anseio místico, assim como da condescendência patológica. O homem alienou-se a si próprio da vida. Essa alienação não é de origem biológica, mas sim sócio-econômica (REICH, 1990).

As ditaduras são resultado das enfermidades psíquicas. O processo de repressão sexual, principal fator que leva às enfermidades psíquicas, que impede a sexualidade de atingir a satisfação normal, gera uma necessidade de satisfação substituta, por exemplo, a agressão natural, transforma-se em sadismo que é um

importante elemento da base psicológica de massa das guerras imperialistas. O efeito produzido pelo militarismo baseia-se num mecanismo libidinoso: o uniforme, os passos ritmados e o caráter exibicionista (REICH, 2001). “A inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais” (REICH, 2001 p.30).

Podemos buscar evidências do aspecto inconsciente nas atitudes sociais, por exemplo, na Conferência X sobre o simbolismo dos sonhos onde Freud explica que o melhor conceito para o mecanismo de análise dos sonhos é o de substituição ou representação. No inconsciente a Terra, por exemplo, tem representação materna, Mãe-Terra, provedora e fértil. Os genitais masculinos, por sua vez, são representados nos sonhos por numerosas formas alongadas como bengalas, postes, árvores, inclusive armas pontiagudas de toda a espécie que tenham características de penetrar, facas, punhais, lanças, sabres, armas de fogo, rifles, pistolas e revólveres. Associando a figura masculina ao símbolo fálico de poder, típica da sociedade patriarcal autoritária, explicitando a relação que Freud chamou de Complexo de Édipo (FREUD, 1990). Esta leitura evidencia a relação emocional e não puramente racional que podem estar envolvidas num processo de guerra por conquista de territórios e novos mercados.

Nessa análise a tendência é o ser humano fazer uma relação de tudo que o cerca, com as relações essenciais e primeiras de sua vida. Assim como explica Sócrates a idéia formada sobre um objeto torna-se o objeto em si, a referência em si no processo psíquico. Da mesma forma as relações com a família são as primeiras referências de relacionamento interpessoal que formam a primeira idéia de mundo e, conseqüentemente, as primeiras referências. Como nossa cultura é fortemente influenciada pela cultura grega, Freud utilizou-se dos personagens da mitologia grega para explicar o comportamento humano.

Para além das necessidades econômicas próprias de cada período histórico, conforme Freud explicou na relação da Terra com a mãe, a conquista por Terras talvez pode ter uma função inconsciente de posse da mãe, sua protetora e geradora e provedora e a morte dos que estão sobre ela a morte do pai que estabelece uma disputa impossibilitando a conquista da mãe pelo filho.

Hoje com o desenvolvimento das forças produtivas e com a produção em larga escala podemos repensar a necessidade de uma economia baseada na guerra.

Arrighi (2008), explica que a China pode se impor economicamente perante o mundo como uma alternativa ao Império americano belicista, pois tem seu foco no desenvolvimento produtivo e não por meio da guerra. Entretanto, A China não trás em seu modo de produção e de vida uma proposta eminentemente diferente da apresentada pelo capitalismo, ou seja sua fixação é na produção. Pelo contrário, ela busca imitar tecnologias de outros países e tem a capacidade de produção em larga escala à preços inferiores ao resto do mundo. Não está desenvolvendo uma estratégia diferente da exercida pelos Estados Unidos, mas sim fazendo parte do mecanismo econômico global. Embora esteja crescendo, cresce em padrões capitalistas, ou seja, não propõe o novo nem novas tecnologias. Mas neste aspecto, surge uma economia potencialmente futuro Império, de acordo com Arrighi, mas que não está firmando seu poder em armas. Claro que historicamente houve determinantes importantes para isso.

A Europa necessitou ir em busca de novos mercado, enquanto a China já era um país continental e pôde investir no mercado nacional, por meio do que Arrighi chamou de desenvolvimento natural. Arrighi (2008) destaca com esta afirmação que o impulso primário para o desenvolvimento econômico não é associado à guerra, mas ao desenvolvimento econômico de uma nação e a posterior possibilidade de estabelecer comércio internacional.

Proponho uma analogia do desenvolvimento natural, pautado no desenvolvimento econômico interno primeiramente para preparar o país para um futuro comércio internacional, sem necessitar utilizar-se da guerra para a conquista de novos mercados, com o impulso primário pelo prazer, ou seja pela satisfação das necessidades seja no indivíduo ou no desenvolvimento sócio-econômico. Entretanto, o desenvolvimento do capitalismo é caracterizado pela conquista de novos mercados por meio de guerras. As guerras foram na história muitas vezes associadas a motivos religiosos, e ainda hoje, o são, como no caso da Palestina. Com estes dados busco ressaltar o padrão determinante no desenvolvimento capitalista para que possa identificar em que fase de desenvolvimento ouve uma fixação, a partir da análise do caráter deste processo.

5-METODOLOGIA

Neste capítulo será apresentado o procedimento metodológico que orientará a pesquisa. Será composto dos seguintes tópicos: tipo de pesquisa, fontes de informação bibliográfica, coleta de dados, e análise da literatura revisada.

5.1-TIPO DE PESQUISA

Esta monografia foi elaborada por meio de pesquisa bibliográfica. Neste tipo de pesquisa o problema é explicado por meio de referências teóricas na busca do conhecimento e da análise das contribuições científicas. O método é basicamente baseado no levantamento de bibliografia publicada em forma de livro, revistas, artigos, imprensa escrita e banco de dados que buscará a formação de um arcabouço teórico sobre a interdisciplinariedade entre a psicologia corporal e a pesquisa histórico econômica (LAKONI E MARKATOS, 1983).

5.2-FONTES DE INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A coleta de dados foi feita nas bibliotecas do Centro Reichiano em Curitiba, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além das bases de dados disponíveis na internet (Bireme, Lilacs e do Centro Reichiano). Foram utilizadas as principais bibliografias que tratam do assunto em livros, revistas, textos, artigos, monografias, dissertações e teses. Os principais autores estudados foram: Wilhelm Reich, Frederico Navarro e Sandra Mara e José Henrique Volpi no que diz respeito a Psicologia Corporal e às fases do desenvolvimento emocional. Com relação aos conhecimentos sobre o desenvolvimento econômico do capitalismo o principal autor utilizado será: Giovanni Arrighi com sua obra o Longo Século XX, além da análise dos problemas intrínsecos ao modo de produção capitalista.

5.3-COLETA DE DADOS

Inicialmente foi feita uma revisão preliminar da literatura para fundamentação do projeto e esclarecimento necessário das etapas posteriores da pesquisa. As sucessivas etapas de desenvolvimento do projeto foram: ampliação dos tópicos de revisão de literatura, revisão e análises das contribuições.

5.4-ANÁLISE DA LITERATURA REVISADA, INTERPRETAÇÕES E APLICAÇÃO

Paralelamente à coleta das informações, da bibliografia disponível, foi feita a sistematização dos conhecimentos obtidos por meio de fichamento do material, contendo a referência bibliográfica, as palavras-chave relacionadas ao conteúdo e o resumos do material. Posteriormente ao preenchimento da ficha resumo, foi definido o conteúdo incluído no texto final na forma de citação direta ou indireta.

As análises e considerações finais serão realizadas visando uma interdisciplinariedade entre os conhecimentos da psicologia corporal e da história econômica. Assim como no ser humano, a sociedade estabelece um padrão de comportamento conforme sua gestação, sua história.

6-ANÁLISE DO CONTEÚDO APRESENTADO

A análise a seguir propõe uma tentativa de diagnóstico do caráter do desenvolvimento do sistema capitalista e posteriormente, o papel que alguns países ocupam neste processo. O conteúdo apresentado serviu como base produtiva para uma reflexão neste sentido que se apresenta como uma primeira tentativa de intervir no sentido de demonstrar o potencial de interação entre os estudos sócio-econômicos e da teoria da psicologia corporal, mais especificamente no que se refere às fases do desenvolvimento emocional.

Analisando o sistema capitalista como um todo pode-se chegar a um diagnóstico do seu caráter. Analisando o papel dos países também pode-se compreender em que estágio de desenvolvimento se encontram neste contexto econômico, o que pode auxiliar no diagnóstico de políticas econômicas para potencializar o desenvolvimento de cada nação. Este capítulo é um exercício de analogia entre duas importantes áreas do conhecimento humano que podem ser utilizadas para um processo de humanização da gestão dos estados, assim como de grandes corporações.

6.1 –ANÁLISE DO CARÁTER DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA

Este tópico será um ensaio de apresentação da sistematização das fixações nas fases de desenvolvimento da criança em direção à sexualidade e maturidade adulta e sua representação da estrutura social.

É possível se analisar o sistema capitalista por meio da teoria do desenvolvimento emocional levando-se em consideração o desenvolvimento histórico do capitalismo, as crises e contradições do processo produtivo e a respeito das guerras e influência cultural que deu origem ao sistema atual. A análise a seguir abordará de maneira dinâmica esses diferentes enfoques.

Pode-se resumir o desenvolvimento capitalista na história das hegemonias. Tanto a hegemonia, quanto o capitalismo e a expansão territorial sempre

estiveram presentes neste processo. A liderança e inovação são os fatores que determinam as principais características que impulsionam os países à hegemonia e ao poder. No processo de formação de uma hegemonia o poder se consolida com uma combinação entre coação e permissão. Este comportamento reflete uma postura manipuladora e auto-afirmativa. O comércio a longa distância, altas finanças, administração do poder, comercialização da guerra e a diplomacia deram início ao capitalismo.

A diferença fundamental é estabelecida entre “capitalismo” e territorialismo. O primeiro compreendendo poder como o domínio sobre os recursos escassos e lucrativos, bem como o trabalho sobre a moeda como mercadoria; já o segundo vê na expansão geográfica e populacional o poder.

Fazendo um paralelo com a psicologia corporal que traduz a neurose psíquica em relação à qualidade dos processos mentais e corporal em quantidade energética, sugiro uma analogia do capitalismo, ou seja, do plano do poder e do domínio pela moeda, por exemplo, como a parte estratégica e mental, enquanto, o territorialismo está mais associado à quantidade de energia empregada na conquista de novas terras e a guerra. Os dois são representantes do mesmo processo. Assim como a neurose psíquica faz parte

O desenvolvimento baseado em uma concepção territorialista conduz a uma atitude bélica mais intensa, viu-se transformada rapidamente em força financeira apoteótica em Veneza. Arrighi demonstra que esta territorialidade não adoçou os chineses, que consolidaram-se no milenar território, sem expansões. A idéia desenvolvida por Arrighi, de desenvolvimento natural pode ser compreendida como a pulsão pelo prazer defendida por Reich (1989), onde apresenta a idéia, contradizendo Freud, de que não há uma contradição inerente do desenvolvimento cultural com as necessidades primárias humanas. Da mesma forma, para Arrighi, o desenvolvimento econômico capitalista não necessita necessariamente da guerra como se observou no desenvolvimento capitalista eurocêntrico. O autor cita como exemplo a China onde o desenvolvimento econômico não depende da guerra, mas sim no desenvolvimento econômico interno, primeiramente focado na agricultura, depois na indústria e só posteriormente no comércio exterior. No entanto, no processo dominante do

sistema capitalista, ainda hoje, a guerra determina a dinâmica econômica e o comércio exterior antes do desenvolvimento das capacidades produtivas nacionais. Assim como a neurose também é determinante nos indivíduos e acompanham-no em seu desenvolvimento.

Para Arrighi (1996) caos e a anarquia não se equivalem, o sistema econômico anárquico, próprio do capitalismo, veio substituir o caos, como forma de ampliar as possibilidades de acumulação de capital, com a organização estatal, representando uma alteração profunda ao sistema medieval, seu caráter caótico sem governo centralizado, para um esquema bem orquestrado, com fronteiras claramente delimitadas e finanças evoluídas.

Observa-se a partir da leitura do desenvolvimento emocional, que assim como o organismo dos indivíduos, os organismo social teve a necessidade de ir desenvolvendo uma ordem inter estatal que podemos associar a um processo de encouraçamento, onde vai se criando um padrão de comportamento que substitui o caos representado pelo primeiro segmento. Além da evolução para um sistema com maior acumulação de capital e com maior necessidade de utilização de energia e com padrão de hiperprodução, consolidando o que poderia-se chamar no indivíduo de padrão hiperorgonótico, associado ao caráter masoquista e obsessivo compulsivo.

A evolução para um novo estágio de desenvolvimento emocional, possibilita uma maior flexibilidade comportamental. Um indivíduo com fixação no segmento ocular possui maiores restrições comportamentais que um com fixação oral ou anal. O capitalismo surge como um sistema mais flexível que o anterior. De acordo com Arrighi (1996) a grande faceta do capitalismo é abarcar muitas composições políticas distintas, o que confere certa flexibilidade ao sistema.

Entretanto, pode-se também observar na história que a acumulação de capital possui uma relação simbiótica com a guerra, pois os lucros podem ser maximizados por meio desta. As Cidades-Estados italianas (Norte), no período medieval são a origem deste moderno sistema, que é a síntese da luta entre territorialidade e capitalista.

O sistema social que antecedeu o capitalismo foi o sistema feudal. Neste sistema social existiu uma forte influência do pensamento religioso. Conforme

Reich (2001) explica, o pensamento religioso está associado ao caráter masoquista. A guerra tanto pode estar associada a um comportamento sadomasoquista e masoquista, que tem sua explicação também em em parâmetros religiosos tanto no sentido histórico quanto na compreensão psicológica. O fato é que a divisão de tarefa instituída no modo de produção capitalista também deriva da tecnologia e organização bélica, de modo que o modo de produção pode expressar características do comportamento masoquista e sadomasoquista..

A religião para Arrighi é quem possui a *região*, viu-se cercada de novas propostas religiosas que acabou por descontentar a todos os seguidores provocando intensas revoltas. A religião sempre foi o meio efetivo pelo qual se produziram verdadeiras máquinas de guerras.

As guerras sempre acompanharam o processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como dos sistemas sociais precedentes, mas agora cada vez mais especializada, dando origem a aprimoradas divisões de tarefas e em uma esfera global.

Da mesma forma que as Cidades-estado desenvolveram e aprimoraram os mecanismos de guerra, que os Holandeses se utilizaram dele, depois a Inglaterra e, finalmente os EUA. Este impulso caracteriza uma necessidade de desenvolvimento, mas baseado em um padrão insustentável energeticamente falando e pautado na guerra e na miséria, em um padrão neurótico e encorajado de desenvolvimento se comparado com o processo que acontece nos indivíduos.

A superioridade produtiva dos Estados Unidos naquilo que se propõe enquanto consumo de massas, rendimento, é espetacular. A sociedade civil americana e “seu jeito” de ser, seu estilo de vida, conquistou o mundo todo. Um reverência a grande capacidade deste povo. Tanto na Segunda como na Primeira Grande Guerra, os EUAs não entraram na guerra. Levaram ao máximo a velha inteligência Genovesa e Veneziana de fazer outros combaterem em seu lugar.

Assim, a grande vantagem conferida em manipular a guerra fez dos Estados Unidos o grande instrumento capaz de gerar os recursos para levantar a Europa destruída. Roosevelt teve a audácia de pensar em um governo mundial. Dividiu o mundo entre rico e pobres, estando os Estados Unidos entre os ricos e

os demais entre os pobres. Seus sucessores reformistas afastaram a ideia garantindo o poderio mundial por meio do controle da moeda mundial e do poderio militar global.

Os Estados Unidos e a história das hegemonias tem tal domínio e necessidade de auto afirmação econômica e cultural que podemos os comparar ao caráter fálico narcisista, embora imerso no sistema econômico da superprodução, comparado ao caráter masoquista e obsessivo compulsivo, hiperorgonótico. Entretanto, as multinacionais e bancos americanos, se utilizam da estrutura de outros países que acabam incorporando de forma mais direta a característica de superprodução, estabelecendo uma relação de masoquismo e sadomasoquismo entre as nações, principalmente quando se fala da exploração e da guerra. Para os Estados Unidos, vendo-o como comportamento isolado, como uma nação, poderia ser considerado com uma fixação na fase fálica e com caráter fálico-narcisista ou histérico, ou apenas uma cobertura fálica-narcisista, já que o caráter pode ser definido como masoquista ou obsessivo-compulsivo de acordo com Reich.

Proponho brevemente uma análise primeiro do sistema capitalismo como um todo que com a forte cultura religiosa, cultura herdada do sistema medieval, nos coloca em uma situação de comportamento de acordo com a aceitação de Deus, ou um superior, Imperialismo, pai ou professor, destacando-se neste caso a submissão por meio do caráter masoquista. De acordo com Reich (1989) o estudo na estrutura de caráter não tem somente interesse clínico. Ele pode revelar material essencial, se nos voltarmos à questão de por que as ideologias e a cultura sofrem mudanças a um ritmo mais lento do que as de base sócio-econômica.

Entretanto se temos os masoquistas temos, também, o sadomasoquista. Este tipo de caráter é caracterizado por ter uma alta carga energética no corpo que se poderia identificar com a superprodução e está associada, justamente à fase de produção, que a análise poderia ser feita com a produção e distribuição de mercadorias. Ou seja uma fixação nesta fase significa problemas e desajustes nos funcionamentos próprios de elaboração nesta fase. O que observamos no estudo

sobre a crise do sistema capitalista é que basicamente é uma crise de superprodução.

6.2- ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DO SÓCIO-ECONÔMICO

Seria possível traçar o caráter conforme o papel que alguns países desempenharam ao longo do processo de desenvolvimento capitalista?

A partir da compreensão das fases desenvolvimento emocional e tecendo uma analogia, pode-se compreender hoje, no caso de uma breve análise do papel que algumas nações jogam na economia que os países subdesenvolvidos tem um caráter psicótico, pois não foram gestados, não tiveram planejamento, não tiveram uma mãe (pode-se entender como estado provedor). Os países subdesenvolvidos que não tiveram uma gestação adequada, não passaram pela fase de sustentação de maneira adequada e não conseguem portanto se estabelecer como uma nação adulta, com planejamento próprio. Vagam à mercê do desenvolvimento dos países desenvolvidos. Entre estes países estaria o Brasil e países da África, por exemplo.

Os países europeus pode-se perceber, em geral, uma fixação oral, sua cultura é ligada fortemente à bebidas e alimentos de boa qualidade, são muito comunicativos e deram início ao comércio internacional, estabelecendo a comunicação com outros países e inclusive em outros continentes. Os países que se desenvolveram mas não conseguiram prosseguir em relação à sua produção e são ligados aos prazeres associados à boca como canto, arte, vinho, boa comida, como por exemplo Portugal e Itália. Outro fator que pode ser explorado nesta conclusão é em relação ao desenvolvimento anti-natural, explicado em Arrighi (2008), que gerou um desenvolvimento do comércio internacional, que tornou os países europeus dependentes da economia de outros países e acabou levando ao declínio da sua economia. Demonstrando mais uma característica própria da fixação oral que é a dependência.

Países com características de serem muito produtivos, a ponto de sacrificar os indivíduos de sua nação, estariam associados ao caráter masoquista ou

obsessivo compulsivo como por exemplo, a china e o japão. Não desenvolvem sua própria tecnologia, mas imitam dos países desenvolvidos e se destacam pela capacidade de abdicar do prazer pelas obrigações, que neste caso é a produção em larga escala. Possuem uma fixação na fase de produção.

Mesmo que com perda da sua hegemonia e declínio da sua economia, os Estados Unidos, podem ser considerados com uma fixação na fase fálica, caracterizando um caráter fálico narcisista e histérico. Sua economia funciona com muito gasto de energia, tornando insustentável a vida no planeta se outros países mantivessem seu nível de consumo. Vivem a cultura do apelo sexual, possuem uma cultura auto-afirmativa diante dos outros países do mundo. Além de todas as características auto afirmativas e exibicionista, tanto na economia como na cultura, impõem seu poder pela guerra, uma afirmação que pode ser considerada fálica. Demonstração de superioridade e poder. E, mesmo perdendo o poder hegemônico, podem fazê-lo por meio do poder bélico.

A queda dos Impérios é um fato da evolução das civilizações. Não pode-se ter certeza se esta crise econômica que vivemos será responsável pelo fim do Império norte-americano. Arrighi (2008) aponta para um fim do Império norte-americano e substituição por um império não da força bélica, mas da soberania econômica.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A substituição do homem por máquinas no processo produtivo certamente levará à libertação do homem do processo produtivo. O resultado deste processo é a evolução da sociedade com a utilização de tecnologia. É a alienação plena dos indivíduos na produção automatizada e, com isso, sua libertação em atividades que possa suprir apenas sua subsistência.

A produção em larga escala e a internacionalização quando não mais estiverem submissas ao capital serão efetivamente elementos para a melhor produção e distribuição da riqueza mundial. A sociedade de novo tipo se assemelhará à idéia de aldeia global, mas sem a exploração do homem pelo homem e a reprodução de meios de produção e distribuição irracionais.

Existe uma evolução implícita da própria humanidade mesmo que preza aos paradigmas do modo de produção capitalista. Alternativas de melhor organização da produção para aumentar a produção pode ser um desvio de caminho, mas trás em sua essência uma melhora do ambiente produtivo, como o apresentado pelo Toyotismo, com o aproveitamento dos trabalhadores de maneira diferenciada, mais humana e menos subjugada às máquinas. Mas, que, evidentemente não apresenta saída nenhuma, mas aponto como uma pequena necessidade de evolução para que o próprio sistema capitalista consiga continuar se reproduzindo.

É como no caráter masoquista, ele não busca a dor, mas experimenta a dor como forma de se libertar da tensão e atingir o prazer. De acordo com a afirmação de Reich de que a pulsão eminentemente humana é pelo prazer, com dificuldade de saber por onde fazê-lo, tenta com os instrumentos que lhe é possível, mesmo que em sua possibilidade reconheça a dor com meio para isto.

A estrutura de poder do capital, associada à cultura patriarcal e religiosa ainda fazem da ação humana um instrumento não tão eficiente de sua libertação e emancipação. Entretanto, o conhecimento do comportamento humano é importante neste processo evolutivo e de compreensão das organizações humanas.

Reich explica que a repressão da satisfação das necessidades materiais tem resultados diferentes da repressão das necessidades sexuais, pois a primeira leva à revolta, mas a segunda impede a rebelião contra as duas espécies de repressão ao reprimir os impulsos sexuais retirando-os do domínio do consciente e fixando-os como defesa moral. A própria inibição da rebelião é inconsciente. O resultado é o conservadorismo o medo da liberdade, a mentalidade reacionária (REICH, 2001).

As contradições estão postas, mas algo falta para a transformação. O capital trabalha na sua própria dissolução ao diminuir a importância e a necessidade do trabalhador no processo produtivo e incorporar na maquinaria tecnologia, atacando sua principal determinação de valor que é o tempo e a quantidade de trabalho empregado na produção. Só a transformação do processo de produção de simples processo de trabalho em processo científico que submete as forças da natureza e as faz trabalhar desta maneira a serviço das necessidades humanas se apresenta como alternativa.

É importante que analisemos em conjunto com as determinações materiais como é a dinâmica das contradições subjetivas do comportamento humano na permanência do modo de produção e modo de vida.

Uma análise por meio dos conhecimentos da teoria do desenvolvimento emocional pareceu útil para uma melhor compreensão dos determinantes do sistema capitalista. Concluo que a partir do estudo realizado é importante tecer um compreensão de que qualquer organismo social, corporativo ou humano necessita ser gestado, passando pela fase de sustentação, incorporação, produção, identificação e formação do caráter. Para que os indivíduos, corporações, estados ou sistema econômico possa atingir sua máxima potencialidade é necessário se desenvolver em todas as fases pertinentes ao desenvolvimento emocional, pois acima de tudo a racionalidade é resultado de uma percepção emocional da realidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTINI, P. Reich e a Possibilidade do bem-estar na cultura. **Psicologia USP**. São Paulo, vol.14, nº 2, p.61-89, 2003. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em :18 janeiro 2005.

ARRIGHI, G. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARRIGHI, G. **O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e a Origem de Nossos Tempos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AUED, I. M. **Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx: ou de como libertar o trabalhador do trabalho**. Trabalho apresentado no seminário do GT: “Trabalho e pensamento social no século XX”. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP – Araraquara, SP, 2004.

AUED, I. M. **Alienação, maquinaria e grande indústria moderna em Karl Marx: ou de como o homem se liberta do trabalhador**. Trabalho apresentado como Seminário no GT: “Trabalho e pensamento social no século XX”, coordenado pelo Prof. Dr. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP – Araraquara (SP). 28/04/2005

BENTON, H. H. **Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Encyclopedia Britannica Editores Ltda, 1975.

BICHARA, V. E. A. **Movimento Humano Numa Visão Reichiana: repensando a educação física escolar**. Florianópolis, 2003. Dissertação.

CARVALHO, F. J. C. **60 Anos de Bretton Woods**. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/moeda/pdfs/bretton_woods_aos_60_anos.pdf> Acesso em 16/11/2008.

DEMEO, J. **O Manual do Acumulador de Orgônio**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Imago, IIIº v, 1969.

FREUD, S. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GAIARSA, J. A. **A Estátua e a Bailarina**. 2ª ed. São Paulo: Ícone, 1988.

KOLD, B.; WHISHAW, I. Q. **Neurociência do Comportamento**. 1ªed. São Paulo: Manoele Ltda., 2002.

LAKATOS, E. M.; MARKONI, M. A.. **Metodologia Científica**: São Paulo: Atlas, 1983.

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

MARX, K. **O Rendimento e suas Fontes**. São Paulo: Abril, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **Obras**. Volume 22. Crítica Grupo Editorial Grijalbo, Barcelona-Buenos Aires-México, 1978.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Disponível em <<http://www.jahr.org>>. Acesso em 28 de Novembro de 2008.

MENDEL, Ernest. A Explicação Marxista das Crises de Superprodução em Geral. Cap. XXV, 1997.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995a.

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

NAVARRO, F. **Metodologia de Vegetoterapia Carácter-analítica**. São Paulo: Summus, 1995.

NIEMAN, D. C. **Exercício e Saúde**. 1ª edição. São Paulo: Manole, 1999.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 3ª ed. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2001.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. 16ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990

REICH, W. **Análise do Caráter**, 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REICH, W. **Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual**. São Paulo: Global e Editora e Distribuidora, 1927.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Círculo do Livro, 1966.

REICH, W. **O Assassinato de Cristo**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROBBINS, L.. London: Macmillan and Co. Limited, 1932. *Disponível em:* < [An Essay on the Nature and Significance of Economic Science](#).> Acesso em 27 de Novembro de 2008.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Etapas do desenvolvimento emocional**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 02/02/2009.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal: Um breve Histórico.** Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/brevehistorico.pdf>> Acesso em: 15/02/2006.

VOLPI; J. VOLPI; S. M. **Orientações para elaboração da monografia.** Apostila do Curso de Especialização em Psicologia Corporal do Centro Reichiano. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>>. Acesso em: 12/01/2009.